



Janeiro - Fevereiro de 2002

Ministério

Uma revista internacional para pastores e obreiros



ARREBATAMENTO SECRETO
a esperança que confunde

Heber



Além da teoria

JAMES A. CRESS

Secretário ministerial da Associação Geral da IASD

Se uma doutrina não causa impacto além de um assentimento intelectual, na vida diária, não estamos alcançando o objetivo evangelístico para os novos crentes quanto a experimentarem uma nova vida em Cristo.

O processo pelo qual doutrinamos uma pessoa pode ser tão necessário para seu relacionamento com Jesus, como as informações que lhe transmitimos. A guarda do sábado é um exemplo.

Uma coisa é ensinar corretamente a perpetuidade do sábado como dia indicado por Deus como repouso para toda a humanidade, autenticado pelo testemunho dos patriarcas, profetas, apóstolos e o próprio Cristo. Outra coisa é ajudar os crentes a experimentarem os benefícios da guarda do sábado, de tal maneira que possam dizer como o salmista: “provai e vede que o Senhor é bom”.

Estou convencido da necessidade de enfatizar mais os benefícios da experiência pessoal, do que prover informações a respeito de Cristo e do Seu santo dia. Por isso, minha abordagem centraliza-se menos em teorizar e mais em levar o novo crente a descobrir experimentalmente as bênçãos que Deus tem reservado para todos os que desejam, com mente e coração abertos, fazer Sua vontade.

Nunca deveríamos temer desenvolver experimentalmente a confiança na direção de Deus. Ao contrário, deveríamos buscar novas maneiras e caminhos inovadores para encorajar outros a provar e ver por si mesmos as maravilhas de Deus. Os evangelistas mais efetivos são aqueles que dão oportunidade para os novos conversos experimentarem a vontade de Deus para sua vida. Nesse sentido, eles incluem as celebrações sabáticas em seu roteiro evangelístico.

A guarda do sábado é um excelente laboratório para avaliar a eficácia dessa abordagem. Em lugar de convidar uma pessoa para aceitar algum conceito intelectual, por que não encorajá-la a descobrir experimentalmente as bênçãos a ela reservadas nas promessas de Deus?

Dessa forma, ao contrário de correr o risco de que alguém rejeite uma teoria, estaremos ajudando-o a construir sua fé, ao providenciar-lhe oportunidades para testar pessoalmente o que ensinamos. A experiência real é construída por uma variedade de testes realizados com a mente livre de preconceitos

e sem a influência de opiniões e hábitos preconcebidos.

Em seu livro *The Different Drum* (O Tambor Diferente), M. Scott Peck diz que o aprendizado pode ser passivo ou experimental. Aprendizado experimental é mais exigente, porém, mais efetivo. Como qualquer outra coisa, as regras de comunicação são melhor aprendidas de modo experimental.

Particularmente, tenho descoberto grandes bênçãos ao ensinar os princípios da guarda do sábado, extraídos do próprio mandamento divino. No entanto, procuro direcioná-los ao campo da descoberta experimental, da vivência pessoal com outras pessoas que procuram conhecer e experimentar o melhor que Jesus oferece.

No que tange ao sábado, três princípios distintos são destacados, convidativos a uma experiência maravilhosa na sua observância. Ei-los:

Preparo. O conceito bíblico expresso no imperativo: “Lembra-te do dia de sábado...” (Êxo. 20:8) traz-nos à mente o fato de que durante toda a semana devemos estar envolvidos na preparação para um encontro especial com nosso Criador. A sexta-feira torna-se desse modo uma antecipação especial do grande dia. Aliás, a Bíblia declara ser ela “o dia da preparação” (Luc. 23:54). Nosso tempo, nossas

prioridades profissionais, nosso programa de trabalho, lazer, e outras atividades seculares, tudo deve ser realizado no contexto do preparo para o encontro sabático com o nosso Deus.

Santidade. “Lembra-te do dia de sábado, para o santificar”, ordena o Senhor. As Escrituras ligam o culto com a santidade – “Adorai ao Senhor na beleza da Sua santidade...” (Sal. 96:9) – e à reunião dos crentes – “Não deixemos de congregar-nos” (Heb. 10:25). Experimentar o companheirismo com irmãos de fé confirma em nós a necessidade de comunhão como nosso melhor amigo, Jesus, o Senhor do sábado.

Repouso. Seis dias são suficientes para cumprir nossas agendas. Necessitamos do repouso provido pelo sábado, que é um verdadeiro santuário no tempo. A guarda do sábado não é uma carga legalística. Trata-se de um seguro repouso em Jesus Cristo, ao invés de um descanso em nossas próprias obras para a salvação. É um repouso físico, mental, espiritual que envolve nossos familiares e irmãos de fé num relacionamento com Aquele que convida: “Vinde a Mim todos os que estais cansados e sobrecarregados, e Eu vos aliviarei. (Mat. 11:28)

Uma coisa é ensinar uma doutrina. Outra coisa é ajudar uma pessoa a experimentar os seus benefícios.

Ministério

Uma Publicação da Igreja Adventista do Sétimo Dia

Ano 73 – Número 01 – Jan./Fev. 2002
Periódico Bimestral

Editor: Zinaldo A. Santos

Revisoras: Ildete Silva e Mercedes Campos

Chefe de Arte: Marcelo de Souza

Programador Visual: Jobson Santos

Colaboradores Especiais:

James Cress; Alejandro Bullón; Jonas Arrais;
Wilmora Eva; Julia Norcott

Colaboradores:

Arlindo Guedes; Jair Garcia Góis;
José S. Ferreira; Mário Valente;
Montano Barros Neto

Capa: Heber Pintos

Diretor Geral: José Carlos de Lima

Diretor Financeiro: Antonio Oliveira Tostes

Redator-Chefe: Rubens S. Lessa

Visite o nosso site:

<http://www.cpb.com.br>

Serviço de Atendimento ao Cliente:

sac@cpb.com.br

Ministério na Internet:

www.dsa.org.br/ministerio

www.dsa.org.br/elministerio

Tiragem: 4.300 exemplares

5499/9040

Todo artigo, ou correspondência, para a revista **Ministério** deve ser enviado para o seguinte endereço:

Caixa Postal 2600; CEP 70279-970,
Brasília, DF



CASA PUBLICADORA BRASILEIRA
CERTIFICADA PELA ISO 9002

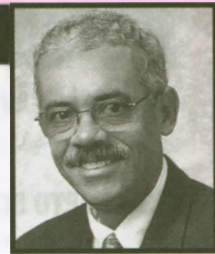
Editora dos Adventistas do Sétimo Dia

Rodovia SP 127 – km 106 – Caixa Postal 34,
18270-970 Tatuí, SP



Todos os direitos reservados. Proibida a reprodução total ou parcial, incluídos textos, imagens e desenhos, por qualquer meio, quer por sistemas gráficos, reprográficos, fotográficos, etc., assim como a memorização e/ou recuperação parcial, ou inclusão deste trabalho em qualquer sistema ou arquivo de processamento de dados, sem *prévia autorização escrita* do autor e da editora, sujeitando o infrator às penas da lei disciplinadora da espécie.

EDITORIAL



Esperança inconfundível

Sem esperança, o ser humano não pode viver. “O que o oxigênio é para os pulmões”, observou Emil Brunner, “assim é a esperança para dar significado à vida.” E Paulo diz: “...vivamos no presente século... aguardando a bendita esperança e a manifestação da glória do nosso grande Deus e Salvador Cristo Jesus” (Tito 2:13).

Já se disse que, para ser feliz, uma pessoa deve ter alguém a quem amar, algo que fazer e algo que alimente uma esperança. O Senhor Jesus Cristo proporciona todas essas coisas ao crente. O mundo sempre espera o melhor, embora pareça ir de mal a pior. Porém, só Jesus Cristo oferece a melhor esperança, ao prometer: “Voltarei...” (João 14:3).

Um dia, muito em breve, o Senhor Jesus voltará e nos libertará para sempre do pecado e suas conseqüências. Logo virá o dia em que a violência e o desamor serão erradicados da Terra, e no qual a dor deixará de existir. Não está longe o momento em que a vitória sobre a morte será para sempre consumada, as lágrimas cessarão e os remidos viverão num mundo feito novo. Essa é a bem-aventurada esperança acariciada pelos cristãos de todos os tempos.

Na tentativa de confundir a mente humana e lançar descrédito sobre o que Deus tem preparado para os Seus filhos, o inimigo tem usado teorias controversas sobre a volta de Jesus. A marcação de datas para a concretização desse evento já frustrou muitos cristãos sinceros no passado. Mas, como que indiferentes às lições que deveriam ser aprendidas, muitos continuam trilhando os caminhos tortuosos e confusos da especulação, criando ensinamentos carentes de sólido fundamento escriturístico.

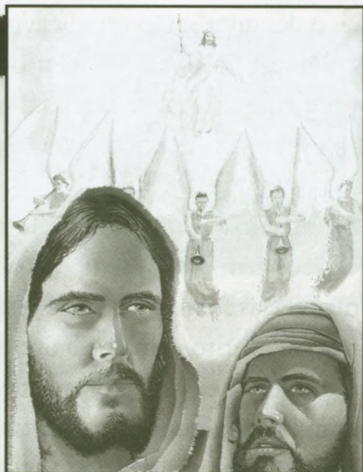
Um desses ensinamentos é o do arrebatamento da Igreja, que supostamente ocorrerá sete anos antes da volta de Jesus, secretamente. A idéia, que teve início com o estudioso inglês John Nelson Darby, tem sido difundida amplamente na literatura protestante. A luz da Palavra de Deus, no entanto, dissipa toda sombra, descortinando o glorioso amanhã. Embora o gosto pelo sensacionalismo e pelo misticismo, tão evidente nos dias atuais, não desperdice oportunidades para se mostrar, a verdade divina sempre o sobrepujará com todo o seu fulgor. Afinal, como disse Paulo, “a esperança não confunde” (Rom. 5:5).

Zinaldo A. Santos

- 11 • SOLUÇÃO PROBLEMÁTICA** • O divórcio é exceção, não regra, como saída para os conflitos matrimoniais. E pode trazer mais sofrimento e angústia.
- 13 • RAPTO SECRETO** • Um estudo que revela a falácia do ensinamento do arrebatamento secreto.
- 17 • JESUS, PAULO E O ADVENTO** • Como os ensinamentos de Cristo e do apóstolo Paulo sobre a segunda vinda contraíram a idéia de um arrebatamento da igreja antes desse acontecimento.
- 21 • NOVO ANO, VELHAS PRIORIDADES** • Princípios que ajudam o pastor a definir prioridades em seu trabalho.
- 23 • LIÇÕES DE UMA TRAGÉDIA** • O que nos ensinam os ataques terroristas desferidos contra os Estados Unidos.
- 25 • PASTOR VERSUS OVELHA** • Os passos para resolver eventuais conflitos entre pastores e membros.
- 28 • O SERMÃO EFICAZ** • Orientações que tornam a pregação um instrumento para transformar vidas.

SEÇÕES

- 2** SALA PASTORAL
3 EDITORIAL
4 CARTAS
5 ENTREVISTA
8 AFAM
9 PONTO DE VISTA
16 IDÉIAS
31 NOTÍCIAS
34 RECURSOS
35 DE CORAÇÃO A CORAÇÃO



Montagem com ilustrações de João Luiz/A. Pires

“Existe uma tarefa. Há uma missão e ela precisa ser realizada. Mas, antes da ordem, vem a pergunta: ‘Amas-Me?’ É trágico o ministério daquele que se atreve a servir sem experimentar o amor de Cristo.”

White

Edição especial

Excelente a edição da revista dedicada ao Dia do Pastor (set./out. 2001). Os aspectos lingüísticos e não-lingüísticos foram utilizados equilibradamente. Isso imprimiu dinâmica à leitura. A escolha da forma de entrevista, selecionando a opinião de várias pessoas, foi muito feliz. E toda a revista girando em torno do mesmo tema também foi um grande incentivo para os leitores.

Sumarizando: este número de Ministério comprova ser essa uma revista que tem uma equipe de alto nível. Parabéns a todos.

Cleide E. F. Pedrosa, Aracaju, SE

Divórcio e novo casamento

Em seu artigo sobre divórcio e novo casamento (julho/agosto 2001), Keith Burton fez bem ao enfatizar a permanência do casamento, em uma época de fácil divórcio. Entretanto, seu método de interpretação não é completamente satisfatório.

Pode ele realmente defender sua estreita tradução de porneia? Uma rápida olhada em algumas referências confirma minha compreensão de que essa palavra refere-se geralmente a comportamento sexual imoral. Assim, não pode limitar-se apenas a sexo pré-marital.

Outra coisa, quem é o “descrente” (I Cor. 7:10-15)? E por que suas ações são diferentes das de um “crente”? Será que um cristão nominal que abusa ou abandona o cônjuge é um crente de fato?

Gordon R. Doss, Berrien Springs, Michigan



ZINALDO A. SANTOS

Símbolo de crescimento evangelístico nos anos 70 e 80, a antiga União Incaica abarcava três países: Peru, Equador e Bolívia. O avanço da Igreja Adventista nessa região alcançou tal nível de intensidade, particularmente no quinquênio de 1985 a 1990, que tornou-se impossível manter apenas uma unidade administrativa para cuidar do grande número de pessoas, membros de igrejas e congregações, além das instituições. Foi assim que, em 1995, essa União teve de ser desmembrada, resultando hoje nas Uniões Peruana, Boliviana e Equatoriana.

O atual presidente da União Peruana é o Pastor Melchor Ferreyra, que já desempenhou as funções de pastor distrital, diretor de jovens, evangelista e presidente de Campo, além de secretário da própria União Peruana.

De seu casamento com Veridiana Ferreyra, nasceram três filhos. Durante o Concílio Ministerial realizado em julho, na capital peruana, o Pastor Ferreyra falou à revista *Ministério* sobre as conquistas, os sonhos e projetos da União sob a sua liderança.

Ministério: *Quantos Campos, igrejas e membros formam a União Peruana?*

Pastor Ferreyra: A União Peruana tem 1.900 igrejas e 2.800 congregações distribuídas em oito Campos: duas Associações e seis Missões. Na última assembleia dividimos a Missão Peruana

EVANGELISMO como estilo de vida

do Norte. Esse era o maior Campo da nossa União, com cem mil membros, e também o que mais batizava em toda a América do Sul. Com o desmembramento, um Campo ficou com 60 mil e o outro com 40 mil membros.

*Ênfase em pequenos
grupos é a razão
do sucesso
missionário.*

Ministério: *Como o senhor avalia o atual ritmo de crescimento da Igreja no Peru?*

Pastor Ferreyra: Em todos os Campos o trabalho avança com rapidez e determinação. O ritmo de crescimento continua muito mais forte. Em 1999, experimentamos uma verdadeira explosão evangelística; batizamos 50.595 pessoas. Até a metade do ano 2000, já havíamos batizado quase 40 mil pessoas. Chegamos ao final do ano com mais de 49 mil novos conversos, graças

ao programa "Impacto 2000". A previsão para 2001 é chegarmos acima de 50.500 novos membros. Isso é perfeitamente possível. Se cada Campo batizar em média oito mil, teremos um total de 64 mil.

Ministério: *É fácil levar pessoas ao batismo nesta região?*

Pastor Ferreyra: Realmente não é fácil; é uma tarefa árdua para ser executada. Não é algo como simplesmente chamar as pessoas para o batismo e elas atenderem ao chamado. A razão pela qual todo esse crescimento tem-se tornado possível é a ênfase que damos aos pequenos grupos. Não falamos em pequenos grupos como um método de evangelismo entre tantos outros. Falamos de pequenos grupos como estilo de vida. Um método é algo opcional; a igreja pode fazer uso dele em um ano e, no outro, descartá-lo. Pode escolher utilizá-lo ou não, quando e se lhe convier. Agora, se o pequeno grupo se converte em um estilo de vida para a igreja, ou se ela o entende como tal, o grupo vai crescer de tal maneira, multiplicar-se em outros pequenos grupos. Ninguém pode deter esse processo. Outra coisa interessante, relacionada com os pequenos grupos, é a diminuição do índice de apostasia. Anteriormente, detectávamos uma taxa de apostasia de até 40%. Hoje, depois da implantação dos pequenos grupos, a marca não ultrapassa os 15%. Os pequenos grupos mantêm as pessoas dentro da estrutura da igreja. É mais fácil, por causa do clima amistoso, manter

peças em um pequeno grupo e, a partir dele, integrá-las na estrutura maior. O crescimento da igreja aqui nos causa uma bendita crise. O que acontece é que ao batizarmos 50 mil pessoas necessitamos de um lugar no qual elas possam ser abrigadas. Então, precisamos construir capelas e templos.

Ministério: *E o que tem sido feito para enfrentar essa "bendita crise"?*

Pastor Ferreyra: Bem, há duas maneiras pelas quais estamos resolvendo o problema. A primeira é a construção de capelas e templos, dentro do que é possível fazer. Mas também temos caminhado em outra direção, ou seja, utilizando ao máximo a estrutura dos templos que já temos. Fomos levados ao seguinte raciocínio: por que razão deveríamos manter a estrutura de um templo, investindo dinheiro para pagar água, energia elétrica, taxas municipais, zeladoria e outras coisas, somente para tê-lo funcionando um ou dois dias por semana? Então, decidimos abrir as igrejas mais vezes. Temos por exemplo, três programações de culto sabático, em turnos diferentes. Ao invés de uma ou duas programações noturnas semanais, aproveitamos outras noites. Dessa forma, atendemos ao grande número de membros que possuem algumas igrejas, sem alto investimento em construção, aproveitando a estrutura já existente.

Ministério: *Qual a viabilidade do evangelismo público em seu país?*

Pastor Ferreyra: Na verdade, não descartamos nenhum outro método de evangelização. O que fazemos na prática é uma combinação de métodos. Porque os pequenos grupos, ao atraírem pessoas interessadas na mensagem do evangelho, não encerram aí o seu trabalho. Cada pequeno grupo conduz seus interessados a uma grande campanha evangelística. Essa campanha pode ter a duração de uma semana, ou quinze dias, como um programa de evangelismo público em caráter de decisão. Afinal, os interessados já receberam todos os estudos bíblicos no pequeno grupo que frequentam. Então, para nós, o que se chama de campanha de evangelismo público não tem duração de trinta dias ou mais. É uma fase curta de proclamação, de decisão. Quando ela ocorre, a

fase de preparação já foi feita e durou muito mais tempo. Tem início em novembro e termina em março. Essa é a fase de sementeira. A colheita começa com a Semana Santa, estendendo-se até junho. Iniciamos, então, outra fase curta de sementeira que vai até novembro.

Ministério: *Trata-se de um ciclo ininterrupto.*

Pastor Ferreyra: Exatamente. É um ciclo contínuo. Geralmente, quando alguém fala em campanha de evangelismo público, nos moldes tradicionais, refere-se a uma coisa que tem início numa época determinada e em três meses termina. Isso é um evento, não um processo. Essa idéia de começo e fim contém uma dimensão menor em

*Na União Peruana,
existem quatro palavras que
são chaves no trato com a
missão e o envolvimento
leigo: Recrutar, treinar,
inspirar e equipar.*

relação a um trabalho maior, processual, envolvendo um programa da igreja. Aqui, começamos em novembro e não paramos. É uma campanha multinacional. Sonhamos com o dia em que esse processo alcance dimensões continentais.

Ministério: *Qual o índice de participação leiga em tudo isso?*

Pastor Ferreyra: O envolvimento leigo é simplesmente fantástico. Temos irmãos que são extraordinários em dedicar seu tempo e seus talentos à missão. São pessoas que têm seus negócios profissionais e família para administrar e cuidar, fazem isso com fidelidade e responsabilidade. Levantam cedo, fazem o culto familiar, passam o dia trabalhando, mas também encontram tempo para evangelizar. E o fazem

igualmente muito bem. São milhares de leigos fervorosos e dedicados ao trabalho do Senhor.

Ministério: *Há um programa de treinamento constante para eles?*

Pastor Ferreyra: Na União Peruana existem quatro palavras que são chaves no trato com a missão e o envolvimento leigo: Recrutar, treinar, inspirar e equipar. Isso quer dizer que convocamos o povo, conscientizando-o do seu lugar na missão de Cristo, ministramos a devida capacitação, transmitimos inspiração às pessoas recrutadas e colocamos o material de trabalho em suas mãos. Então eles vão e fazem o trabalho.

Ministério: *Qual foi a estratégia elaborada para o Projeto Impacto 2000 e quais os seus resultados?*

Pastor Ferreyra: O Impacto 2000 começou, na realidade, em julho de 1999. Primeiramente, foram estabelecidos três grandes grupos de trabalho: o grupo estratégico, o grupo de programa e o grupo do apoio logístico. Esse último grupo esteve especialmente empenhado nos aspectos da transmissão via satélite, assuntos ligados à televisão, ao rádio, etc. O grupo de programa começou a trabalhar em julho de 99. Sua tarefa foi motivar as igrejas e organizá-las em pequenos grupos. Tínhamos em mente que quanto mais pequenos grupos estabelecêssemos, maiores seriam os resultados que trariam ânimo às igrejas e aos próprios grupos. Então, o país foi dividido no que se convencionou chamar de Centros Metropolitanos de Missão Global.

Ministério: *O que eram esses centros e como funcionavam?*

Pastor Ferreyra: Eram lugares onde havia mais de um distrito pastoral. Em cada um desses centros, colocamos um coordenador, que era um pastor de experiência escolhido dentre os demais daquele lugar. Esse pastor era o líder do programa. Trabalhávamos através dele, tendo em vista a organização das forças missionárias. Implantamos o plano "b + b = d"; ou seja, batismo mais Bíblia é igual a um discípulo. Não queremos simplesmente fazer membros de igrejas; queremos discípulos. Com esse programa de centros metropolitanos, envolvermos 38 cidades. Em 1999, colhemos

muitos batismos como fruto do projeto. Mas a fase intensiva aconteceu mesmo a partir de janeiro do ano 2000. Contatamos a Associação Grande Nova York, nos Estados Unidos, e de lá recebemos 36 pastores hispanos para pregar em igual número de lugares diferentes. Também recebemos ajuda de pastores sul-americanos, totalizando 64 pontos de pregação atendidos. O núcleo da campanha foi o estádio da Universidade São Marcos, em Lima, cujo pregador foi o Pastor Alejandro Bullón. Esse estádio tem capacidade para 60 mil pessoas. Na ocasião, tínhamos 40 mil membros em Lima. Se cada um levasse dois interessados teríamos 120 mil pessoas no estádio, o que era impossível. Daí a necessidade do trabalho via satélite. Então, embora nosso projeto tivesse como alvo apenas o Peru, o Adsat enviou o sinal para várias partes do mundo. No primeiro sábado, foi feito um batismo, fato que se repetiu no último sábado da campanha. O total foi de 27.100 pessoas batizadas.

Ministério: *Fala-se que um dos grandes destaques desse projeto foi a participação feminina.*

Pastor Ferreyra: Na verdade, a maior parte da igreja peruana é composta de mulheres. Aliás, a população em geral tem essa mesma característica (seis mulheres para cada homem). A igreja basicamente é formada por jovens e mulheres, refletindo a realidade populacional do Peru. Por isso, as mulheres desempenharam um papel importante no sucesso do programa.

Ministério: *Há um novo projeto missionário em vista?*

Pastor Ferreyra: Continuamos trabalhando com base nos Centros Metropolitanos de Missão Global, investindo em duas grandes cidades por semestre e com a participação de toda a equipe da União. Administradores e departamentais pregam; e funcionários, tais como as secretárias e outros, dão estudos bíblicos, distribuem literatura, ajudam na recepção, apoiando o trabalho. Em 2004, queremos repetir a programação da Universidade São Marcos.

Ministério: *Certamente há desafios a serem superados. Poderia citá-los?*

Pastor Ferreyra: Temos grandes desa-

fos. Um deles é conseguir melhor estrutura para acolher as pessoas que são batizadas. Isso significa construir mais templos. Em algum momento, o plano que descrevemos anteriormente poderá ser insuficiente. Outro desafio é o desmembramento da Missão Oriente Peruano. A própria União está crescendo; já somos mais de meio milhão de membros. As instituições também crescem, de modo que o maior desafio é dividir a União.

Ministério: *Existem muitos lugares sem a presença adventista no Peru?*

Pastor Ferreyra: A população peruana tem uma característica *sui generis*. Cresce de uma forma veloz, e às vezes nos sentimos frustrados porque não acompanhamos esse crescimento populacional. Ainda temos várias cida-

*Administrar a Igreja
significa administrar
a missão. Como obter
recursos para o evangelismo,
essa é a espinha dorsal da
administração da Igreja.*

des sem a presença adventista. Ayacucho, por exemplo, é uma cidade muitíssimo católica, com uma igreja em cada esquina. Ali um irmão nos deu uma estação de TV. O Dr. Milton Afonso está patrocinando a compra de cinco emisoras de rádio para alcançar outras cidades. Deus está abrindo portas.

Ministério: *Qual a importância da Adra no Peru?*


Pastor Ferreyra: Aqui temos a maior ação da Adra, em todo o mundo. São 172 funcionários, além dos líderes regionais. O escritório central administra cerca de 20 milhões de dólares por ano, como ajuda externa confiada à Igreja Adventista para a implantação de diversos projetos como por exemplo, na

área agropecuária, infra-estrutura básica para a comunidade, nutrição infantil, cuidados maternos, atendimento a meninos de rua, tudo isso desprovido de enfoque proselitista. Há muita carência e a Adra está sediada onde ela é mais intensa. A Igreja está trabalhando para erradicar a extrema pobreza de alguns lugares e para desenvolver comunidades que não têm recursos financeiros nem técnicas sequer para aproveitar os recursos do seu próprio solo. A Adra chega com os recursos, equipamentos, ensino e implanta seu trabalho. A comunidade agora orientada continua fazendo o que aprendeu, colhendo os bons resultados, enquanto a Adra vai ajudar outra região carente. Mas, repito, nada disso está condicionado à aceitação da fé adventista.

Ministério: *Como o senhor imagina o futuro da Igreja Adventista no Peru?*

Pastor Ferreyra: Alimento a expectativa de um futuro fantástico, com muitos desafios e conquistas maravilhosas. Entre essas conquistas, antevejo duas Uniões. Estou sonhando com isso e vendendo meu sonho. No momento, tenho luz amarela da Divisão Sul-Americana para agir. Ainda não existe luz verde, mas também não há luz vermelha. Porém, temos um projeto que nos levará ao final do quinquênio com mais 700 mil novos conversos. Aí, não há como manter apenas uma União. Precisaremos criar outra.

Ministério: *Em que base filosófica o senhor fundamenta sua administração?*

Pastor Ferreyra: Um pastor tem que estar orientado para a missão da Igreja, não apenas à sua estrutura. O administrador de um Campo local ou de uma União é um pastor e deve ter o mesmo direcionamento. A estrutura não pode ser um empecilho ao crescimento da Igreja. Quando isso acontece, a estrutura não serve. Somos administradores da missão da Igreja e precisamos avançar nessa direção. Administrar da Igreja significa administrar a missão. Creio que um pastor deve ter um sentido claro de que sua missão radica em uma coisa muito importante: como obter os recursos necessários para alcançar as pessoas com a pregação do evangelho. Essa é a espinha dorsal da administração da Igreja. O verdadeiro administrador não perde essa visão. 

O AMOR é a resposta



Divulgação

RAQUEL ARRAIS

*Coordenadora associada da Afam,
na Divisão Sul-Americana*

Como você se sente quando alguém diz: “Eu amo você”? Palavras desse tipo são inspiradoras. Elas têm o poder de trazer para fora o melhor que há dentro de nós. Podem até mesmo nos encorajar a seguir uma nova direção, traçar novos alvos, novos sonhos; e também podem mudar o rumo da nossa vida.

A sensação de amar e ser amado é fantástica. Esse sentimento alivia as tensões e nos proporciona uma das maiores experiências no relacionamento humano. Deus nos criou para amar. Colocou em nós um potencial enorme de amor, com o propósito de ensinar-nos a não apenas *falar* de amor, mas a *viver* o amor em toda a sua plenitude.

Desde que iniciamos nosso trabalho aqui na sede da Divisão Sul-Americana, temos enfrentado novas realidades com relação à família. São mudanças para cuja adaptação precisamos de algum tempo. Uma delas é a distância constante do esposo e dos filhos. Dizem que o amor é provado na distância. Te-

*Deus nos criou para amar.
Deu-nos a capacidade para
não apenas falar de amor,
mas vivê-lo e reparti-lo*

nho de concordar com quem disse tal pensamento, apesar de, na prática, não ser nada fácil.

Há momentos em que o coração parece que não vai suportar. Então, o telefone toca e alguém do outro lado da linha diz: “Alô! Eu liguei só para dizer que amo você.” Essas palavras transformam o longe em perto; mudam tudo. O coração bate mais forte, o sorriso se abre e o brilho resplandece no olhar. Parece mágica.

Saúde e alegria

Palavras de amor têm poder para sustentar um coração durante dias, meses e anos. É o que publicou recentemente a revista *Saúde*.

O problema é que, como seres humanos, temos minimizado o amor como um fator de alegria e saúde. Esquecemos de amar. Não temos mais tempo para o amor. Em consequência disso, a maneira como nos comportamos e nos relacionamos fica comprometida. Sem dúvida, enfrentamos uma escassez de expressões de amor, não somente em nosso ministério, no relacionamento diário, mas, principalmente, dentro da nossa casa.

Uma bela música, de autoria de Jader Santos, diz o seguinte:

Não é preciso ser gênio, não é preciso ser sábio

Para descobrir que as coisas vão de mal a pior,

Quando lhe falta coragem, quando lhe falta fé,

Quando o medo parece calar sua voz.

Se você anda sozinho, se você não tem amigos,

Olhe para cima e sinta que Alguém lhe quer bem.

Quando vier o fracasso, quando o pranto chegar,

Veja por trás dessa nuvem o sol brilhar.

Saiba que o amor nunca falha,

Saiba que o amor vai vencer o mal,

Mesmo que os amigos o esqueçam,

Mesmo sob um forte vendaval.

Saiba que o amor nunca falha,

Pois Cristo é o amor e Ele não falha!

Como amar

Nesse início de ano, tire alguns minutos para refletir: Como estou amando? Qual tem sido o tamanho do meu amor para com Deus, Sua Igreja, meu cônjuge, meus filhos, meus irmãos de fé, meus amigos?

Deus é um especialista em matéria de amor. A Bíblia está cheia de declarações que não somente revelam um lado romântico e poético de Deus, como também o Seu interesse em mostrar-nos que Ele é amor. O amor que não falha.

Hoje, a frase “Amai-vos uns aos outros” adquire um tom mais urgente. Deus espera que vivamos e reflitamos o Seu amor no mais alto grau. Como fazer isso?

Amendo mais, através de palavras e gestos.

Expressando sentimentos de alegria, que dão vitalidade aos relacionamentos.

Apoiando aqueles que necessitam.

Estimulando o crescimento espiritual e emocional da família.

Ouvindo mais, julgando menos.

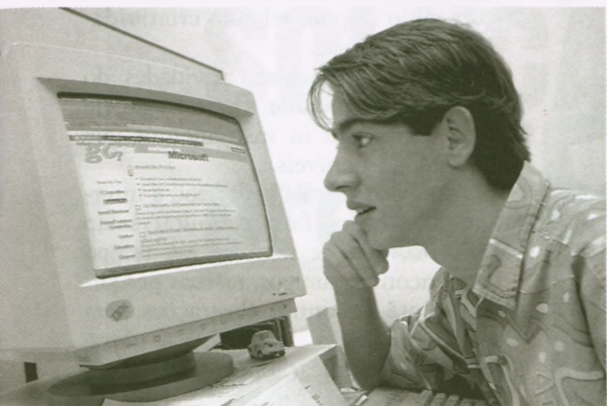
Levando palavras de esperança e motivação. Perdoando.

Orando mais, comunicando com a fonte do verdadeiro amor.

Aprendendo mais a andar em humildade.

Que, neste novo ano, a oração do apóstolo Paulo se cumpra em nós: “...e, assim, habite Cristo no vosso coração, pela fé, estando vós arraigados e alicerçados em amor, a fim de poderdes compreender, com todos os santos, qual é a largura, e o comprimento, e a altura, e a profundidade e conhecer o amor de Cristo, que excede todo entendimento, para que sejais tomados de toda a plenitude de Deus” (Ef. 3:17-19).





INTERNET: o desafio de utilizar bem



MAURO EDSON DA COSTA DIAS

*Aluno do 4º ano de Teologia e
Administração de Empresas, do Centro
Universitário Adventista,
Engenheiro Coelho, SP*

Há algum tempo, mais precisamente em 1996, um novo jeito de se comunicar começava a se tornar conhecido. No início, parecia mais uma coisa utópica, um meio de comunicação lento e caro, praticamente baseado só em texto. Estava, entretanto, embasado em uma certa ideologia que era a grande motivadora de seus usuários. Eles pretendiam realmente se comunicar com o mundo inteiro, em segundos, e apostavam que a tecnologia poderia melhorar sua vida trazendo a informação com mais rapidez e interatividade, além da liberdade de total expressão. Esse meio de comunicação foi chamado de internet, que significa uma rede mundial de computadores. Mas, do ponto de vista do usuário, o que marcou mesmo foi a possibilidade de se comunicar com

Assim como as pessoas estão usando a internet com as mais variadas intenções, podemos usá-la para pregar e evangelizar

qualquer pessoa em praticamente qualquer lugar do mundo.

Enquanto existia mais ideologia do que tecnologia, os críticos diziam que era mais um modismo que não passaria de alguns poucos usuários. Mas quem apostava que a internet não iria muito longe se enganou. Ela rapidamente foi ganhando recursos. Primeiro, foram agregados as imagens e os sons. Por último, os vídeos e a videoconferência. Ao mesmo tempo em que esse novo meio de comunicação se popularizava, o mundo econômico e político começava a sonhar com a globalização.

A internet revelou-se o grande meio para alcançar tanto os objetivos dos empreendedores transnacionais como para realizar o sonho da comunicação instantânea, barata e livre, ou a ideologia dos primeiros usuários. Ela realmente se tornou o melhor meio para obter informações, divertimento e fazer negócios. Qualquer pessoa que pense em divulgar idéias busca a internet como um dos principais meios. Ela se popularizou tão rapidamente por apresentar uma resposta para as duas maio-

res necessidades desta época: informação, que é o principal capital do mundo, e economia, que necessita de muito espaço para sobreviver. E se a internet é capaz de estender um braço para a informação e outro para a economia, ela se coloca numa posição central, talvez imprescindível.

O mundo virtual

Cada meio de comunicação tem suas características específicas. A televisão, por exemplo, é caracterizada pela passividade do espectador. O rádio caracteriza-se pela ausência do recurso visual.

Vejam agora as características da internet. Vou destacar apenas as três que considero mais importantes.

Liberdade. Qualquer que seja sua opinião, ela é respeitada. O que importa é que você quer conversar. Se afetar alguém ou se for desrespeitoso, sua penalidade será aplicada pela própria comunidade na qual você se inseriu. Não há preconceito, mas também não há impunidade.

Relacionamento individualizado. Pode-se manter um relacionamento individualizado com outra pessoa nesse



meio virtual, e esse relacionamento ser muito próximo da vida real. A maior diferença é a não presença física, o que não exclui a capacidade de saber ou perceber os sinais emocionais da outra pessoa. A famosa primeira impressão, concebida pelo que a pessoa fala ou, antes, pela maneira como fala, também se verifica via internet. E quando são anulados os títulos ou aparências pode se concentrar no que há no interior das pessoas.

Virtualidade. Praticamente como se fosse uma réplica do mundo real, o mundo virtual lhe oferece oportunidades de relacionamento, negócios, diversão, roubo, pornografia, informação, religião, etc. Da mesma forma que no mundo real, você escolhe os caminhos a trilhar. A diferença é que não se anda em caminhos de cimento, mas isso não quer dizer que esses caminhos sejam indefinidos. Eles são apenas virtuais, mas conduzem a consequências tão definitivas quanto os de concreto. E exatamente como os do mundo real, não vão todos no mesmo sentido ou direção.

A internet reflete o mundo sem acrescentar virtudes nem defeitos à humanidade. Aliás, essa é uma característica de qualquer meio de comunicação.

Como o próprio nome já diz, é meio, e não pode ser responsabilizado pelos vícios de origem. Não é porque existam coisas ruins no mundo que devemos aceitá-las, e muito menos podemos repassar a qualquer meio a responsabilidade e o privilégio que tem o ser humano, da escolha do seu destino e os resultados dessa escolha.

Recurso evangelístico

A internet, como todos os outros meios de comunicação, pode ser usada para transmitir qualquer tipo de informação. Como ocorreu na fase inicial de praticamente todos os meios de comunicação, a Igreja e a sociedade reagem sempre deixando transparecer algum temor quanto à influência de cada novo meio. Mas, passado o susto inicial e com a devida conscientização de que aquele meio é apenas um meio e não um novo ser pensante ou ameaçador (um anticristo), a Igreja passa a utilizá-lo cada vez mais eficientemente.

Se a religião tem como objetivo religar o homem a Deus, ela é em si um meio e tem que se identificar e se valer de todos os recursos de comunicação para atingir sua finalidade. A própria maneira como Deus utilizou a

palavra escrita, numa vasta diversidade de formas e estilos, como meio para nos transmitir Suas revelações, ilustra como devemos aproveitar cada meio disponível com criatividade e intensidade.


Uma das principais atividades do cristão é testemunhar. Desse modo ele deve usar todos os instrumentos que lhe estão disponíveis.

A maioria de nós já utilizou a internet para vários fins: consultar saldo bancário, receber notícias em tempo real, encontrar amigos, realizar pesquisas ou até encontrar ilustrações para sermões. Mas as características desse meio de comunicação são também favoráveis ao evangelismo. A falta de preconceito por parte dos usuários e até mesmo o nível de relacionamento pessoal virtual nos ajudam a pregar o evangelho para todas as pessoas.

A pergunta agora não é *se*, mas *como* posso usar a internet para beneficiar a minha igreja, para alcançar meus objetivos como cristão.

Do mesmo modo que pessoas com outras intenções podem usar a internet, também podemos usá-la para pregar e evangelizar. Já resolvemos esse dilema em relação ao rádio e à televisão que têm abençoado milhares de pessoas com o evangelho. Mas ao adotarmos a internet, não estaremos utilizando apenas um meio capaz de alcançar milhares de pessoas, mas principalmente em condições de interagir individualmente.

Hoje, a Igreja tem vários sites com conteúdo interessante, como estudos bíblicos, hinos, grupos musicais, lição da Escola Sabatina, revistas, atividades infantis, entre outras opções. Muitos adventistas acessam diariamente a internet, mas, possivelmente, não tenham conhecimento nem interesse em gastar seu tempo para produzir sites de conteúdo religioso. Até porque o investimento necessário para que um site seja realmente bem visitado é grande. Mas esses irmãos podem se envolver no evangelismo pessoal. O correio eletrônico, as salas de bate-papo e os grupos de discussão oferecem oportunidades para um evangelismo pessoal, amplo e eficiente.

Não tenha medo de demonstrar seu credo na internet. Planeje um investimento evangelístico, pessoal e para a sua igreja, por esse meio de comunicação. Os resultados certamente serão grandiosos. 

SOLUÇÃO

problemática



GARY TOLBERT

*Pastor da igreja adventista
de Hendersonville, Carolina do Norte,
Estados Unidos*

Deus instituiu o casamento com o objetivo de prover amizade, companheirismo, apoio e amor para nossa vida. “Por isso, deixa o homem pai e mãe e se une à sua mulher, tornando-se os dois uma só carne.” (Gên. 2:24). Lamentavelmente, algumas pessoas têm sofrido angústia e perda no casamento. O amor que deveria gerar poder e vida no relacionamento conjugal nem sempre é suficiente para conservar o casamento vivo.

Às vezes alguns chegam à conclusão de que não podem mais viver com o respectivo cônjuge. Podem até continuar se amando, mas acham impossível continuar vivendo juntos. A grande pergunta é: seria o divórcio a solução?

A opinião bíblica

Em Deuteronômio 24:1, lemos, entre outras coisas, que um homem pode separar-se da esposa se achar “coisa indecente nela”. Porém, o que seria essa “coisa indecente”? Na tentativa de responder essa pergunta, existem duas escolas de pensamento. A escola de Rabi Shammai

O divórcio e tudo o que é decorrente dele, não raro, são experiências mais destrutivas e angustiosas do que os problemas conjugais que o motivaram

defende o pensamento de que a frase se refere a pecado sexual. Para Rabi Hillel, a frase diz respeito a qualquer coisa que o esposo não aprecie na esposa, como até o fato de ela ter queimado a comida.

O que disse Jesus? Sua resposta está em Mateus 19:4-9. É bom lembrar que Ele não a começa com a idéia presente em Deuteronômio, mas com a criação. “Não tendes lido que o Criador, desde o princípio, os fez homem e mulher, e que disse: Por esta causa deixará o homem pai e mãe e se unirá a sua mulher, tornando-se os dois uma só carne? De modo que já não são mais dois, porém uma só carne. Portanto, o que Deus ajuntou não se separe o homem.” (Mat. 19:4-6).

Então os fariseus contestaram: “Por que mandou, então, Moisés dar carta de divórcio e repudiar?” (Mat. 19:7). Ao que Jesus respondeu: “Por causa da dureza do vosso coração é que Moisés vos permitiu repudiar vossa mulher; entretanto, não foi assim desde o princípio. Eu, porém, vos digo: Quem repudiar sua mulher, não sendo por causa de relações sexuais ilícitas, e casar com outra comete adultério.” (Mat. 19:8 e 9).

É interessante notar a tendência da questão levantada pelos fariseus. Eles usaram a palavra “mandou” para despreverem a abordagem de Moisés sobre o assunto. Mas Jesus contrapôs o uso dessa palavra com o termo “permitiu”. De acordo com o Mestre, o divórcio foi

permitido por causa da dureza do coração das pessoas. Mas, no verso nove, Ele afirma que a única base para divórcio é o adultério. Primeiramente, o Senhor mostrou o ideal para o casamento. Depois, a exceção. Frequentemente estamos enfatizando a exceção e esquecendo o ideal realçado pelo Mestre.

Atualmente, muitas pessoas nem querem considerar o ideal. Em muitos casos, por qualquer razão elas desejam o divórcio. Parece haver pouca disposição para exercitarem o que é básico para qualquer relacionamento duradouro: a paciência. Se os casais desenvolvessem tal virtude em favor do relacionamento, ao invés de gastar energia no processo de um divórcio, haveria muito menos separações.

O pastor e colunista cristão George Crane conta de uma senhora que o procurou em seu escritório, cheia de ira contra o esposo. “Eu não quero apenas me separar dele. Quero fazer isso já. Quero fazê-lo sofrer tanto quanto ele o fez a mim”, disse ela.

O Dr. Crane sugeriu então à mulher que ela voltasse para casa e tentasse agir como se amasse o marido. E aconselhou: “Diga-lhe o quanto ele significa para você. Elogie-o por algum traço característico agradável. Seja o mais bondosa e generosa possível. Não poupe esforços para agradá-lo. Faça-o crer que você o ama. Depois de convencê-lo de seu amor eterno e de que você não pode

viver sem ele, jogue a bomba. Peça o divórcio. Isso realmente o fará sofrer.”

Com um brilho de vingança nos olhos, ela sorriu e exclamou: “Maravilhoso! Fantástico!” E saiu para cumprir a tarefa. Durante dois meses, ela demonstrou amor, bondade, esteve pronta para ouvir e partilhou. Como nunca mais voltasse ao escritório, o Dr. Crane telefonou-lhe: “E então? Já estão prontos para o divórcio?” A mulher respondeu: “Que divórcio? Não vamos nos separar nunca. Descobri que realmente amo o meu esposo.”

Estranho como isso possa parecer a muitas mentes contemporâneas, a atitude da mulher mudou seus sentimentos. A habilidade para amar é desenvolvida não tanto através de promessas fervorosas como por ações repetidas.

Não surpreende que Deus não aprecie o divórcio. Falando de seu relacionamento com Israel, a Bíblia assegura: “Porque o Senhor, Deus de Israel, diz que odeia o repúdio...” (Mal. 2:16).

Abandono e abuso

As pessoas geralmente apresentam duas outras razões para o divórcio; e garantem que elas são bíblicas.

A primeira razão é o abandono. Paulo fala a respeito disso: “Ora, se alguém não tem cuidado dos seus e especialmente dos da própria casa, tem negado a fé, e é pior do que o descrente.” (I Tim. 5:8).

“Aos mais digo eu, não o Senhor: se algum irmão tem mulher incrédula, e esta consente em morar com ele, não a abandone; e a mulher que tem marido incrédulo, e este consente em viver com ela, não deixe o marido. Porque o marido incrédulo é santificado no convívio da esposa, e a esposa incrédula é santificada no convívio do marido crente. Doutra sorte, os vossos filhos seriam impuros; porém, agora, são santos. Mas, se o descrente quiser apartar-se, que se aparte; em tais casos, não fica sujeito à servidão nem o irmão, nem a irmã; Deus vos tem chamado à paz.” (I Cor. 7:12-15).

Juntando essas passagens, alguns indivíduos concluem que se uma pessoa abandona ou negligencia seriamente sua família, é considerada um descrente. O cônjuge abandonado, tal como o descrente, estaria livre para divorciar e casar de novo.

Na verdade, há muitos tipos de abandono. Mas esquecer coisas importantes não é abandono. Falhar nos negócios ou na educação dos filhos, nem

sempre significa abandono. Abandono é negligenciar seriamente a família. É mais que estar muito ocupado com outras coisas, ou ser irresponsável. É negligenciar e, acima de tudo, não estar presente. É desistir de sustentar a família.

Outra razão apresentada para justificar o divórcio e o novo casamento é o abuso. Estamos pensando no abuso físico, que poderia transcender o mau tratamento sexual. O cônjuge praticante do abuso físico em sua família está longe de demonstrar um comportamento cristão digno. Pelo contrário, revela falta de amor e da presença do Espírito Santo na vida.

Nos dias do Antigo Testamento, havia a lei de retaliação: “Quem matar um animal restituirá outro; quem matar um homem será morto. Uma e a mesma lei haveis, assim para o estrangeiro como para o natural; pois Eu sou o Senhor, vosso Deus.” (Lev. 24:21 e 22).

É interessante que Jesus explicou essa lei de modo diferente: “Ouvistes que foi dito: Olho por olho, dente por dente. Eu, porém, vos digo: Não resistais ao perverso; mas, a qualquer que te ferir na face direita, volta-lhe também a outra” (Mat. 5:38 e 39).

Quando uma pessoa vive com o abusador, ela pode ser compelida a voltar a outra face muitas vezes. Mas isso pode se tornar mortalmente perigoso. Porventura estava Jesus sugerindo que alguém, vítima de abuso no casamento, arriscasse a sua vida ao dar a outra face para abusos posteriores? Não penso que Cristo tinha isso em mente. Ele estava falando sobre os abusos políticos sofridos pelo povo em Seus dias. Os romanos, por exemplo, pareciam ter prazer em tratar abusivamente os judeus. Jesus está dizendo que em tais circunstâncias, os judeus deviam tratar os romanos com bondade. Com isso, poderia impressionar positivamente o abusador, levando-o a dispensar melhor tratamento.

Existem abusos físicos, sexuais, emocionais, psicológicos, mentais e verbais. Há mesmo exemplos legítimos de abuso espiritual praticados por algumas igrejas e seus líderes.

Mas, a questão permanece: É o abuso razão para divórcio e novo casamento? Se um cônjuge é abusivo, deveria o parceiro concordar em viver junto? Manter o relacionamento é mais importante do que livrar-se de contínuo abuso? Ninguém necessita expor-se ao abuso. Afinal, existe ajuda especializada disponível na igreja e fora dela, em-

bora ela não tenha ainda um padrão definitivo sobre abuso e sua relação com casamento, divórcio e novas núpcias.

Quando o casamento vacila


O divórcio é uma experiência profundamente dolorosa. As pessoas que o consideram, não raro, têm pouca idéia das dificuldades que o envolvem. É visto como uma solução relativamente simples para a angústia experimentada no casamento. As taxas de divórcio são duas vezes mais altas entre os que contraíram um segundo casamento; e, a partir daí, elas crescem.

Em si e de si mesmo, o divórcio e tudo o que é decorrente dele são frequentemente experiências mais desfrutivas e angustiosas do que os problemas conjugais que o motivaram. Casais em processo de divórcio, especialmente aqueles que o realizam com rapidez, tendem a levar para o próximo casamento os problemas que precipitaram a separação. Há também as tentativas de reajustamento que deve ser iniciado quando existem crianças e outros familiares envolvidos na experiência.

Embora algumas pessoas vejam razões bíblicas para o divórcio, ele deve ser evitado por todos os meios. Mesmo quando há um adultério, o casamento pode ser salvo pelo perdão. E a vida pode continuar com maior grau de satisfação do que a que é procurada no divórcio.

O conselheiro matrimonial Lindsay Curts costuma dar aos seus clientes um cartão contendo uma lista de sete sinais de perigo do casamento:

1. Abandono mútuo da cortesia e polidez.
2. Preocupação crescente dos casais em termos de “eu” ao invés de “nós”.
3. Falta de elogios mútuos.
4. Substituição da comunicação pelo silêncio obstinado.
5. Recusa ou indiferença em sentir e satisfazer as necessidades do outro cônjuge.
6. Falta de expressão do amor.
7. Falta de oração com o outro e pelo outro.

Tendo em vista enriquecer nosso próprio casamento bem como dos membros de nossas igrejas, precisamos melhorar nossa percepção do que é saudável e do que é doentio em termos de relacionamento. Pela graça de Deus, podemos agir para intervir e ser uma efetiva ajuda para nós mesmos e para aqueles aos quais Deus nos chamou para servir. 

Rapto secreto



Divulgado

GERHARD PFANDL

Ph.D., diretor associado do Instituto de Pesquisa Bíblica da Associação Geral da IASD

A data é um dia qualquer no futuro próximo. O lugar, um Boeing 747 voando sobre o Atlântico em direção a Londres. A maioria dos passageiros está dormindo ou fazendo qualquer outra coisa. Subitamente, quase metade deles desaparece no ar. Primeiro um, depois outro, então os que restam gritam enquanto percebem que o assento ao seu lado está vazio. Apenas os pertences de mão foram deixados. Os passageiros que ficaram gritam e choram, assustados. Os pais estão freneticamente procurando os filhos que desapareceram no meio do voo.

Ficção científica? Não; essa é uma cena do primeiro volume de uma série intitulada *Lefts Behind*.¹ Escritos pelos autores cristãos Tim LaHaye e Jerry B. Jenkins, esses livros têm permanecido no topo da lista de *best-sellers* em Nova York. Eles estão baseados na teoria de que sete anos antes do segundo advento de Cristo, os fiéis cristãos serão trasladados, arrebatados para o Céu. Por que exatamente sete anos? Porque uma das colunas dessa teoria é que a última das setenta semanas proféticas de Daniel 9:24 ainda está no futuro.

A Bíblia apresenta razões pelas quais o arrebatamento da Igreja não pode ocorrer antes da segunda vinda de Cristo

As raízes

As origens da teoria do arrebatamento secreto podem ser traçadas a partir do tempo da Contra-Reforma. Os reformadores protestantes no século 16 identificaram o papado como o anticristo da profecia.² Muitos eruditos jesuítas assumiram a tarefa de defender o papado contra esse ataque. O cardeal Robert Bellarmina (1542-1621), diretor do Colégio Jesuíta em Roma, buscou invalidar o princípio “dia-ano” da profecia como prova dos 1.260 anos de supremacia papal.³

O jesuíta espanhol Francisco Ribera (1537-1591) projetou a profecia do anticristo no futuro (futurismo), e outro espanhol, Luiz de Alcazar (1554-1613), defendeu que essas profecias já tinham se cumprido no tempo do Império Romano (preterismo).

O preterismo de Alcazar logo foi adotado pelo calvinista Hugo Grotius (1583-1645) na Holanda, e tornou-se o método favorito para interpretação da profecia bíblica entre os teólogos liberais.

Ribera aplicou as profecias do anticristo ao futuro anticristo pessoal que apareceria no tempo do fim e continuaria no poder por três anos e meio.⁴ Por quase três séculos, o futurismo foi largamente confinado à Igreja Católica Romana, até que, em 1826, Samuel R. Maitland (1792-1866) bibliotecário do arcebispo de Canterbury, publicou um panfleto de 72 páginas⁵ no qual promoveu a idéia de Ribera de um futuro an-

ticristo. Logo outros clérigos protestantes adotaram a idéia e começaram a propagá-la amplamente. Entre eles estava John Henry Newman, líder do movimento Oxford, que depois tornou-se cardeal católico romano, e Edward Irving, famoso ministro presbiteriano escocês.

Dispensacionalismo

O futurismo de Ribera estabeleceu o fundamento para o dispensacionalismo, o qual ensina que Deus tem negociado diferentemente com a humanidade durante diferentes eras da história bíblica. John Nelson Darby (1800-1882) é usualmente considerado o pai do dispensacionalismo. Ele foi um advogado e pastor anglicano que, em 1821, desiludido com a frouxidão espiritual da Igreja, juntou-se a outro grupo religioso chamado Movimento dos Irmãos. Darby possuía uma mente brilhante. Não somente pregava fluentemente em francês e alemão, mas também traduziu o Novo Testamento para o alemão, francês e inglês. Foi autor de mais de 50 livros e, em 1848, tornou-se o líder do movimento.

Darby desenvolveu uma elaborada filosofia da História na qual ele a dividiu em oito eras ou dispensações, “cada uma das quais contendo uma ordem diferente pela qual Deus operou Seu plano redentivo”.⁶ Além disso, Darby afirmava que a vinda de Cristo poderia ocorrer em dois estágios. O primeiro,

um invisível “arrebato secreto” dos verdadeiros crentes fecharia o grande “parêntesis” ou a era da Igreja que começou quando os judeus rejeitaram a Cristo. Em seguida ao arrebato, as profecias do Antigo Testamento concernentes a Israel seriam literalmente cumpridas,⁷ levando à grande tribulação que terminaria na segunda vinda de Cristo em glória. Nesse tempo, o Senhor estabelecerá um reino literal de mil anos sobre a Terra, tendo Israel como centro.

A visão escatológica de Darby figurou proeminentemente no fundamentalismo americano nos anos 20, quando cristãos conservadores defenderam o cristianismo protestante contra os desafios do darwinismo e da teologia liberal. Hoje, a maioria dos cristãos evangélicos aceita as principais colunas da escatologia de Darby.

O conceito de um arrebato antes do período da tribulação final, na verdade, não foi invenção de Darby. “Peter Jurieu em seu livro *Approaching Deliverance of the Church* (1687) ensinou que Cristo poderia vir para arrebatar os santos e retornar ao Céu antes do Armagedon. Ele falou de um arrebato secreto antes da Sua vinda em glória e o julgamento do Armagedon. O Comentário do Novo Testamento de Philip Doderidge e o Comentário, também sobre o Novo Testamento, de John Gill, usaram o termo “rpto” e a ele se referiram como iminente. É claro que esses homens criam que esse acontecimento precederia a descida de Cristo à Terra e o tempo do julgamento. O propósito era preparar crentes do tempo do julgamento.”⁸

A doutrina do arrebato foi disseminada ao redor do mundo, primariamente através do Movimento dos Irmãos e da Bíblia de Referência de Scofield. No século 20, foi ensinada em escolas como o Instituto Moody e no Seminário Teológico de Dallas. O *Futuro do Grande Planeta Terra*, de Hal Lindsey, e muitos outros livros propagaram a teoria do arrebato secreto.

Investigando a teoria

A teoria do arrebato secreto está fundamentada em numerosas hipóteses. Devido às limitações de espaço, podemos investigar brevemente apenas duas delas: 1) que a septuagésima das setenta semanas proféticas de Daniel 9:24-27 ainda está no futuro; e 2) que a Igreja não passará pela grande tribulação.

1. A septuagésima semana de Daniel 9:27

Embora a idéia de que a septuagésima semana de Daniel esteja ainda no futuro tenha aparecido primeiro nos escritos de Irineu (séc. 2 a.D.),⁹ ela não desempenhou um papel significativo na teologia cristã até tornar-se uma coluna fundamental do dispensacionalismo no século 19. De acordo com essa visão, a 69ª semana termina com a entrada triunfal; e a 70ª “está separada das outras 69 por um período indefinido de tempo”.¹⁰ Por qual razão? Porque a era da Igreja é vista como um parêntesis no plano de Deus, isto é, o relógio profético parou no domingo da Páscoa e voltará a bater depois do arrebato, quando Deus assumir a condução dos negócios com Israel no futuro.

Entretanto, não há razão lógica ou exegética para separar a 70ª semana das outras 69 semanas. Não existe nenhuma outra profecia de tempo nas Escrituras que tenha tal vácuo.¹¹

O assunto nos versos 26 e 27 de Daniel 9 é o Messias, não o anticristo. De acordo com o verso padrão em Dan. 9:25 e 26, o príncipe da frase “o povo de um príncipe” pode também se referir a Jesus.¹² Mas embora o príncipe, no verso 26, se refira a Tito (como tipo do anticristo) e não ao Messias, ele não é o assunto do verso 27 porque, gramaticalmente, está em uma posição subordinada a “o povo”. É o povo que destrói o santuário e a cidade; não o príncipe. O “ele” do verso 27 deve reportar ao Messias no início do verso 26. Em Dan. 9:27, nós lemos que “Ele fará firme aliança com muitos”.

A expressão hebraica “cortar uma aliança” não é usada nesse texto. Ao contrário, o Messias, diz o texto, fortalecerá ou fará o concerto prevalecer. A referência não é a um novo concerto, mas a um concerto já feito. Se fosse o anticristo o autor dessa aliança com muitos, o profeta deveria ter usado a linguagem apropriada, ou seja, “mudar a aliança”.

Ao contrário da teoria dispensacionalista, a 70ª semana apresenta os pontos altos do ministério do Salvador.¹³ Durante a primeira metade da semana, Ele fortaleceu ou confirmou o concerto através de Seus ensinamentos. Um exemplo disso é o sermão da Montanha, onde Jesus tomou uma seleção dos Dez Mandamentos aprofundando e fortalecendo o seu significado. Então, no meio da semana, Ele levou ao fim o significa-

do teológico do papel dos sacrifícios, ao entregar-Se para a salvação da raça humana. Dessa forma, o concerto eterno foi confirmado e ratificado pela morte de Jesus Cristo.



2. A Igreja e a grande tribulação

De acordo com o dispensacionalismo, a tribulação depois do arrebatamento da Igreja durará sete anos. Seu propósito é “levar à conversão uma

multidão de judeus”¹⁴ que experimentarão o cumprimento da aliança de Israel. A base apresentada para apoiar esse conceito são as passagens de I Tess. 1:10; 5:9; Rom. 5:9; Apoc. 3:10.

Cuidadosa exegese dos textos nas cartas aos romanos e aos tessalonicenses indica que “a ira vindoura” refere-se à ira de Deus que destruirá o ímpio por ocasião da segunda vinda¹⁵ conforme indicado em II Tess. 1:7-10. Trata-se, portanto, da manifestação da ira de Deus no juízo final, não da tribulação precedente à vinda de Jesus. Paulo fala de esperarmos “dos Céus o Seu Filho, a quem Ele ressuscitou dentre os mortos, Jesus, que nos livra da ira vindoura” (I Tess. 1:10). É o segundo advento de Jesus, em cuja ocasião o arrebatamento terá lugar, que nos liberta da ira vindoura. Conseqüentemente, essa ira não pode vir antes do segundo advento.

A “hora da provação [peirasmos]” em Apoc. 3:10 poderia se referir à grande tribulação, mas o texto não diz que o povo de Deus não a experimentará. A frase “Eu te guardarei” origina-se de duas palavras gregas: *téreo* e *ek*. *Téreo* tem o significado de “velar”, “guardar”, “preservar”;¹⁶ e a preposição *ek* significa basicamente “de”,¹⁷ referindo-se à vinda de alguma coisa ou de alguém. Outra preposição grega – *apo* – expressa a idéia de separação, “longe de”.¹⁸

Em Sua oração sacerdotal, Jesus diz: “Não peço que os tires do [ek] mundo, e sim que os guardes [téreo] do [ek] mal” (João 17:15). Ao orar para que os discípulos fossem guardados do mal, Jesus não estava dizendo que Satanás não poderia tentá-los. Simplesmente pede que o Pai guarde os discípulos em segurança, vele sobre eles, impeça que o inimigo tenha vitória sobre eles.

Semelhantemente, em II Ped. 2:9, o apóstolo escreve: “É porque o Senhor sabe livrar da [ek] provação [peirasmos] os piedosos...” O apóstolo não está dizendo que o povo de Deus estará longe [apo] da tentação, mas que Ele os livrará dela [ek] em meio ao processo de ser tentado. Da mesma forma, o apóstolo João em Apoc. 3:10 não está dizendo que os crentes serão conservados longe da [apo] hora da provação, mas que eles estarão protegidos durante esse tempo.

Dessa maneira, nenhum dos textos usados para apoiar a idéia de que a Igreja não passará pela grande tribulação está realmente dizendo isso. Na verdade, as Escrituras ensinam claramente que os

santos de Deus passarão pela grande tribulação (Mat. 24:9; Mar. 13:11; Luc. 21:12-19; Apoc. 13:14-17).¹⁹

Tribulação e livramento

A teoria do arrebatamento secreto, de origem recente, tem capturado a imaginação de milhões de cristãos sinceros. Seu ensinamento central – que o cumprimento da 70ª semana profética de Daniel está ainda no futuro – é baseado em pressuposições extrabíblicas. Semelhantemente, o ensinamento de que a Igreja não experimentará a grande tribulação poupa os seres humanos do temor e do sofrimento, mas é contrário ao que diz a Bíblia.

De acordo com as Escrituras, a Igreja passará pela grande tribulação, mas será liberta através do arrebatamento, por ocasião da segunda vinda de Jesus. **M**

Referências:

1. Tyndale House Publishers, Wheaton, Illinois.
2. Martinho Lutero, por exemplo, disse: “Eu creio que o papa é o demônio mascarado e encarnado, porque ele é o anticristo.” *Sämtliche Schriften*, S. Louis: Concordia Pub. House, 1887, vol. 23, pág. 845.
3. L. R. Conradi, *The Impelling Force of prophetic Truth*, Londres: Thynne and B. Co., Ltd., 1935, pág. 346.
4. *Ibidem*, vol. 2, págs. 489 a 493.
5. *An Enquiry Into the Grounds on Which the prophetic Period of Daniel and St. John has been supposed to Consist of 1260 Years*, 2ª ed., Londres, 1837, pág. 2.
6. Walter A. Elwell, *Evangelical Dictionary of Theology*, Grand Rapids: Baker Book House, 1984, pág. 292.
7. Essa visão ignora completamente a natureza condicional de muitas profecias do Antigo Testamento (Deut. 28:1 e 15; Jer. 4:1; 18:7-10).
8. Mal Couch (editor), *Dictionary of Premillennial Theology: A Practical Guide to the People, Viewpoints and History of Prophetic Studies*, Grand Rapids: Kregel Publications, 1996, pág. 346.
9. Irineu, *Against Heresies* 5.25.3, vol. 1, pág. 554.
10. J. Dwight Pentecost, *Things to Come*, Grand Rapids: Zondervan, 1958, pág. 247.
11. Nenhuma das supostas profecias com vácuos, enumeradas por Pentecost, são tempos proféticos. Todas elas estão baseadas na idéia de que as profecias do Antigo Testamento concernentes a Israel deverão ser cumpridas literalmente no futuro.
12. W. H. Shea, *Daniel 7-12*, Nampa, Idaho: Pacific Press Pub. Association, 1996, págs. 75 e 76.
13. No pensamento dispensacionalista, a morte de Cristo não ocorre dentro das 70 semanas. “A extinção do Messias tem lugar apenas uns poucos dias após terminada a 69ª semana” (J. Dwight Pentecost, *Op. Cit.*, pág. 248), e cerca de dois mil anos antes do início da 70ª semana, algum dia no futuro.
14. *Ibidem*, pág. 237.
15. John Stott, *Romans*, Downers Grove, Ill.: InterVarsity Press, 1994, pág. 146; Charles Wanamaker, *Commentary on 1 & 2 Thessalonians*, Grand Rapids, MI.: Wm. B. Eerdmans Pub., 1990, pág. 88.
16. W. F. Arndt, e F. W. Gingrich, “*Téreo*”, *A Greek-English Lexicon*, Chicago: University of Chicago Press, 1979.
17. *Ibidem*, “*Ek*”.
18. *Ibidem*, “*Apo*”.
19. Dizer que esses textos se referem ao remanescente judeu e não à igreja (J. Pentecost, *Op. Cit.*, págs. 278 e 238) é argumentar com base na hipótese de que Deus cumprirá literalmente Suas profecias relacionadas a Israel.

O pastor como INSTRUTOR



BUFORD GRIFFITH JR.

Diretor de Escola Sabatina e Ministério da Família da União Sudoeste, Texas, Estados Unidos

O pastor de igreja é chamado para ser tudo para todos: administrador, conselheiro, evangelista, pregador, etc. Somente Deus pode nos capacitar para o sucesso em nosso trabalho.

Também somos professores da Escola Sabatina. Descobri que a maior alegria depois de pregar e batizar é ver o crescimento espiritual das pessoas. Esse crescimento é ajudado pela atenção especial que o pastor lhes dispensa numa classe de Escola Sabatina. Depois do esforço de conduzir pessoas ao reino, deveríamos exercer o mesmo esforço para retê-las. Uma classe dirigida pelo pastor desempenha um papel importante nessa missão.

Proteção

Depois do batismo, o número de pessoas que deixa a igreja é preocupante. Isso deve ser revertido. Se os pastores forem mais diligentes em fundamentar os novos convertidos, teremos igrejas mais vibrantes e membros mais estáveis. Devemos fechar a porta dos fundos. Um equilibrado cardápio de

doutrinas pode ser estudado numa espécie de classe pós-batismal, para proteger os novos crentes de ensinamentos estranhos, membros que podem distorcer a visão do evangelho ou que podem embarçá-los com seu extremismo ou impaciência.

Há pastores desenvolvendo o mau hábito de não assistir à Escola Sabatina. Sei que alguns deles têm muitas congregações, de modo que é difícil estar presente em todas as Escolas Sábatinas. Isso é compreensível. Mas o pastor nunca deveria faltar por preguiça ou indiferença. Não há justificativas para um pastor que seja hábil para ensinar, deixar de conduzir uma classe na Escola Sabatina.

Nós também somos professores, quer em uma campanha evangelística ou numa Escola Sabatina. Não podemos nos omitir disso. Os recém-convertidos necessitam a segurança de saber que seu pastor está presente para ajudá-los pessoal e doutrinariamente. É responsabilidade do pastor segurar as rédeas da verdade dentro da igreja. Tal responsabilidade não pode ser minimizada.

Providenciando orientações

Existe uma apavorante falta de conhecimento básico das doutrinas bíblicas pelos membros da igreja. Portanto, é absolutamente necessário providenciar instruções nas doutrinas distintivas da Igreja Adventista do Sétimo Dia. Uma sólida classe de Escola Sabatina dirigida pelo pastor fortalecerá os alicerces desses novos crentes.

Nessa classe, o pastor pode adotar métodos que tornarão o ensino mais atrativo e envolvente. Aqui estão algumas idéias:



- Crie sua própria série de estudos doutrinários, ou utilize alguma que já existe. Isso dará maior flexibilidade à classe, permitirá abordar pontos que necessitam melhor compreensão, encoraja o estudo profundo, tanto dos alunos como do professor, assegura mais fácil compreensão dos pilares doutrinários da Igreja.

- Fortaleça os laços de amizade entre os membros da classe. Isso os habilitará a serem auxílio mútuo em momentos de crise.

- O calor humano da classe encoraja os alunos a convidarem visitas. Dessa forma a classe transforma-se num grupo evangelístico sem o nome de classe batismal, que assusta visitantes.

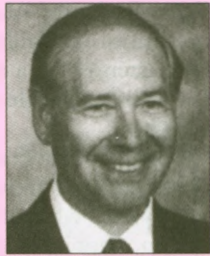
- Dê atenção individual a cada membro. Assim você conhecerá as necessidades de cada um, habilitando-se a prestar ajuda eficaz.

- Crie desafios para a sua classe. Incentive os membros, por exemplo, a não faltarem ao culto de oração; use essa reunião para dar continuidade a algum tema estudado no sábado. Encoraje-os a se visitarem mutuamente; isso gera mais envolvimento no progresso espiritual de todos.

Essas sugestões são apenas uma base. Use a criatividade e planeje coisas de acordo com a realidade de sua congregação. Se você já está liderando uma classe de Escola Sabatina, ótimo. Continue fazendo isso. Caso contrário, jogue fora o receio e as desculpas para não fazê-lo. Descubra ou redescubra a alegria, a satisfação, a recompensa e a produtividade de ensinar aos membros numa classe de Escola Sabatina. Observe o crescimento daqueles que foram levados a Cristo por seu próprio trabalho.



Jesus, Paulo e o ADVENTO



HANS K. LaRONDELLE

Professor emérito do Seminário Teológico da Universidade Andrews, Estados Unidos

A Igreja apostólica viveu na expectativa do retorno de Cristo em glória e majestade. Paulo definiu os cristãos como aqueles que experimentam a graça de Deus, vivem uma vida santificada e “aguardam a bendita esperança e a manifestação [epiphaneia = aparecimento] da glória do nosso grande Deus e Salvador Cristo Jesus” (Tito 2:13). Essa “bendita esperança” do glorioso aparecimento de Cristo para “julgar vivos e mortos” (II Tim. 4:1; I Tim. 6:14) tornou-se a esperança da Igreja cristã, até que John Nelson Darby, erudito inglês (1800-1882), começou a ensinar a nova teoria de um arrebatamento secreto, pré-tribulação, sete anos antes da vinda de Jesus Cristo.¹

De acordo com esse ponto de vista, Cristo vem de modo invisível para os Seus santos. Na gloriosa *parousia* (advento) ou epifania (aparecimento), Cristo retornará com os santos. Tal compreensão de uma segunda vinda em duas fases é resultado de um sistema

Uma análise sobre a bem-aventurada esperança, baseada nos ensinamentos de Cristo e nos escritos do apóstolo dos gentios

hermenêutico chamado literalismo, originado por Darby e popularizado por C. I. Scofield, na *Nova Bíblia de Referência Scofield*.²

A diferença fundamental entre a teoria do arrebatamento secreto e o cristianismo histórico é a doutrina de que Cristo voltará em glória exatamente sete anos depois do arrebatamento da Igreja. Encoberto na construção dessa teoria está o estabelecimento de uma data para o segundo advento; algo explicitamente proibido por Jesus Cristo (Mat. 24:36; Atos 1:6 e 7). Conceituados eruditos da Bíblia têm escrito muitas avaliações críticas desse futurismo ou dispensacionalismo, especialmente da radical dicotomia que ele cria entre Israel e a Igreja.³

Neste artigo, oferecemos uma revisão da posição bíblica sobre a bendita esperança, tal como ensinada por Jesus e Paulo. As passagens principais são Mateus 24:29-31; João 14:3; I Cor. 15:51 e 52; I Tess. 4:13-18; II Tess. 1:5-10; 2:1-8. Todos os textos necessitam ser interpretados dentro do seu contexto histórico e literário. Nosso uso das palavras “igreja”, “Israel”, “*parousia*” e “imminente” deve ser determinado pela revelação progressiva do Novo Testamento, ao invés de considerações dogmáticas.

Jesus e a *parousia*

Dentre os quatro evangelhos, somente Mat. 24 usa o termo *parousia* (presença, vinda, chegada) para o glorioso aparecimento de Jesus. Desde o início, a vinda de Cristo está conectada com o julgamento retributivo de Deus no fim dos tempos. “Dize-nos quando sucederão estas coisas e que sinal haverá da Tua vinda [*parousia*] e da consumação do século.” (Mat. 24:3). Jesus afirmou essa coincidência quando disse que todos os povos sobre a Terra verão o sinal de Sua *parousia* quando Ele vier nas nuvens do céu com os anjos, “com poder e muita glória”, como o “Filho do homem” da visão de Daniel (Dan. 7:13 e 14).

“Logo em seguida à tribulação [*thlipsis*] daqueles dias... Então aparecerá no céu o sinal do Filho do homem; todos os povos da Terra se lamentarão e verão o Filho do homem vindo sobre as nuvens do céu, com poder e muita glória” (Mat. 24:29 e 30). Cristo enfatizou a visibilidade universal de Sua *parousia*, ao dizer: “Porque, assim como o relâmpago sai do oriente e se mostra até no ocidente, assim há de ser a vinda do Filho do homem” (v. 27).

É essencial reconhecer que Jesus adotou as expressões “tribulação”, “Filho do homem”, “as nuvens do céu”,

“poder e muita glória”, das visões de Daniel. Os capítulos 7 e 12 do livro de Daniel descrevem a libertação final do povo do concerto, fiel a Deus, como acontecendo depois da tribulação no tempo do fim (Dan. 7:25-27; 12:1 e 2). Daniel retrata o livramento pós-tribulação dos santos através da intervenção do real “Filho do homem” ou Miguel celestial. Jesus apresentou-Se como o divino Messias da visão de Daniel e anunciou que o julgamento de Deus será dramaticamente realizado em Sua *parousia* com reverente poder e glória. Todos os povos da Terra não apenas testemunharão essa *parousia*, mas, conseqüentemente, também se lamentarão ou se encherão de remorso e desespero.⁴

Esse lamento de Mateus 24 é ampliado por João no Apocalipse: “Eis que vem com as nuvens, e todo olho O verá, até quantos O traspassaram. E todas as tribos da Terra se lamentarão sobre Ele” (Apoc. 1:7; ver também Apoc. 6:12-17). Não se trata de um lamento como arrependimento, mas por causa

do desespero e tempo em virtude da aproximação do julgamento final.

Escritos gregos contemporâneos usavam a palavra *parousia* como o termo oficial para descrever a chegada triunfante de reis e governantes em visita a uma determinada cidade.⁵ Jesus endossou a perspectiva profética de Daniel ao declarar que Sua *parousia* poderia ocorrer

“logo, em seguida” à tribulação do Seu povo (Mat. 24:21, 22, 29 e 30; Dan. 12:2). Claramente Ele também ensinou uma *parousia* pós-tribulação.

O que os dispensacionalistas sustentam, entretanto, é que Jesus direcionou Seu discurso profético exclusivamente para Seus discípulos, representantes de Israel como nação escolhida; de modo que Mateus 24 não é aplicável à Igreja, ao arrebatamento ou à ressurreição.⁶

Ironicamente, de todos os quatro escritores evangélicos da Bíblia, somente Mateus usa o termo *ekklêsia* = igreja (Mat. 16:18; 18:17). Ele define a Igreja

de Cristo como o corpo de todos os que, à semelhança do apóstolo Pedro, confessam a Jesus como o Messias de Israel (Mat. 16:16-19), o corpo no qual a presença de Cristo habita até Sua *parousia* ou a consumação dos séculos (Mat. 18:20; 28:20). Jesus nomeou os crentes como “Minha igreja”, “Seus escolhidos” (Mat. 16:18; 24:31).

É difícil entender como alguém pode negar o fato de que os apóstolos, para quem Jesus direcionou Seu discurso profético, também foram os fundadores e os primeiros membros da Igreja cristã. Eles eram representantes de todos os crentes em todas as nações (Atos 1:8). O discurso profético de Cristo em Mateus 24 é, portanto, direcionado à igreja apostólica até a consumação dos séculos. Qualquer tentativa para separar os apóstolos ou Mateus 24 da Igreja é uma compartimentalização antibíblica.

Pedro se referiu aos membros da Igreja como “povo de propriedade exclusiva” (I Ped. 2:9), ou “eleitos” (I Ped. 1:1 e 2). Semelhantemente, Paulo falou da Igreja como “eleitos de Deus” (Rom. 8:33). Jesus certamente não restringiu Seus eleitos ao remanescente judeu de crentes depois que Ele testemunhou maior fé em um centurião romano do que em qualquer israelita: “Digo-vos que muitos virão do Oriente e do Ocidente e tomarão lugares à mesa com Abraão, Isaaque e Jacó no reino dos Céus. Ao passo que os filhos do reino serão lançados para fora, nas trevas; ali haverá choro e ranger de dentes” (Mat. 8:11 e 12).

O argumento de que Jesus não menciona o arrebatamento ou a ressurreição em Mateus 24, porque “o arrebatamento não ocorre na segunda vinda”,⁷ suscita uma questão. Uma hipótese tão precária não está baseada na Escritura mas sobre considerações doutrinárias. Em Mateus 24, Jesus respondeu a uma questão particular dos discípulos a respeito dos sinais de Sua *parousia* (v. 3). Então, Jesus apontou o livro de Daniel como fonte primária de Sua resposta (v. 15). Ali nós lemos como o livramento dos santos na tribulação do tempo do fim ocorrerá: Miguel descerá para seu resgate e para realizar a ressurreição dos mortos (Dan. 12:1 e 2).

Portanto, devemos ler Mateus 24, tendo Daniel como fundo, para ter um quadro completo. Posteriormente, quando Jesus assegurou a Seus discípu-

los que Ele viria outra vez para levá-los à casa do Pai no Céu (João 14:2 e 3), Ele não estava sugerindo um arrebatamento secreto, mas explicando o confortador propósito de Sua mais antiga promessa de ressuscitá-los da morte, “no último dia”: “De fato, a vontade de Meu Pai é que todo homem que vir o Filho e nEle crer tenha a vida eterna; e Eu o ressuscitarei no último dia” (João 6:40).

O Apocalipse de Paulo

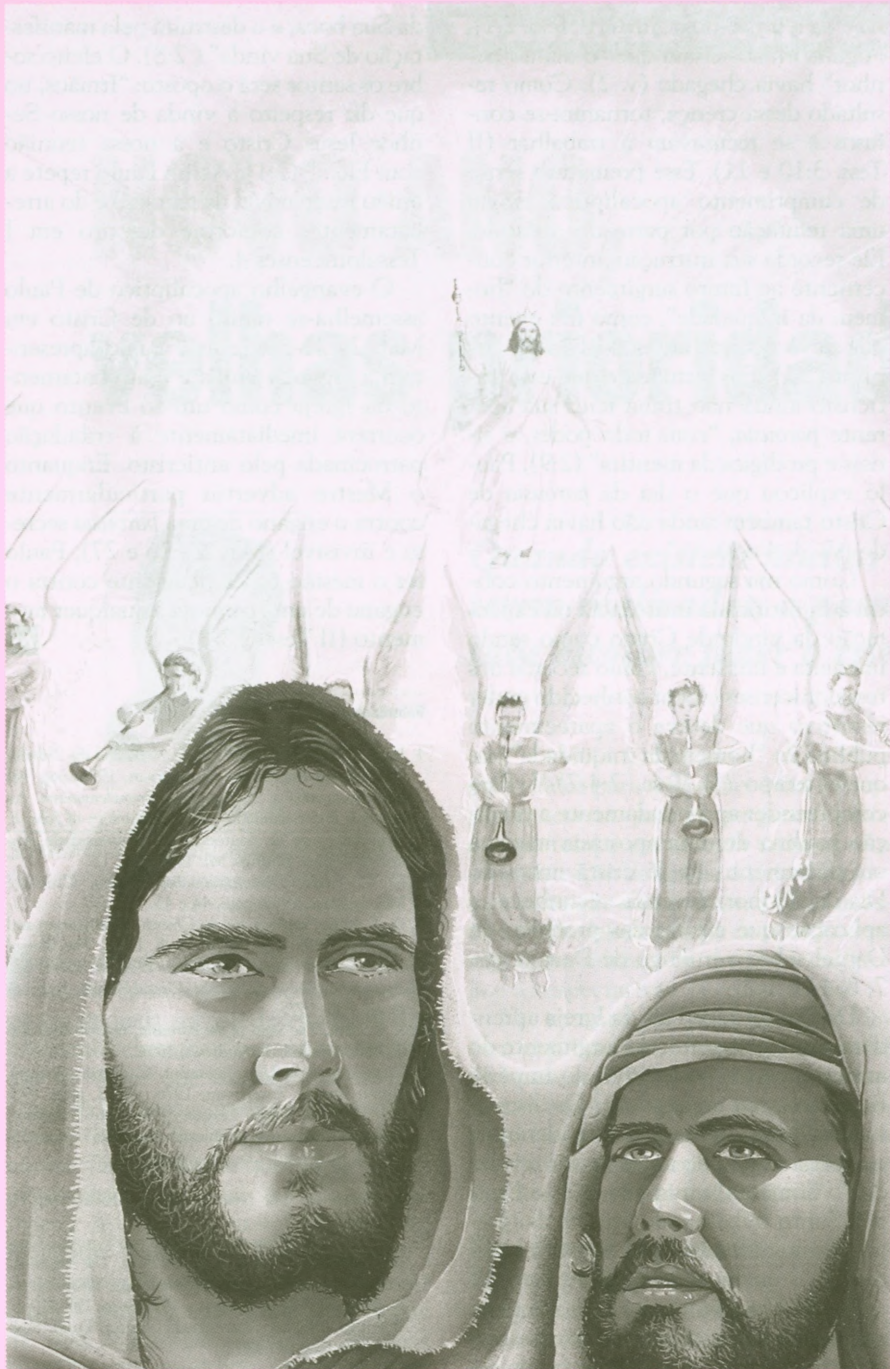
Por volta de 50 ou 51 a.D., Paulo escreveu duas cartas pastorais à igreja de Tessalônica, a qual ele mesmo fundou. Por causa da forte proteção oferecida aos cidadãos tessalonicenses, pelo imperador romano, eles se tornaram hostis àqueles que glorificavam a Cristo como seu Rei e Redentor (Atos 17:1-9).⁸ O tema central de Paulo para os cristãos tessalonicenses era a esperança na *parousia*, um termo que ele usou sete vezes nessas cartas.

Paulo descreveu a abençoada esperança da Igreja com uma preponderância de paralelos com Mateus 24. Um erudito concluiu, depois de detalhada comparação: “Em Mateus e Paulo nós encontramos as mesmas palavras gregas, usadas no mesmo sentido e em contextos similares.”⁹ Outro estudioso anotou 24 substanciais paralelos entre Mateus 24 e 25 e as duas cartas aos tessalonicenses: “Há maior quantidade de material paralelo no relato de Mateus do que em Marcos e Lucas, levando à conclusão de que as palavras de Jesus, tal como relatadas por Mateus, foram a fonte do ensinamento de Paulo.”¹⁰

Paulo reconheceu a autoridade do ensinamento de Cristo e apelou à “palavra do Senhor” para fazer sua descrição da esperança cristã (I Tess. 4:15). Ele adotou muitos dos conceitos e expressões fundamentais de Jesus, tais como a *parousia* do Céu, a final reunião dos santos pelos anjos, nuvens dos céus, o som da última trombeta, a vinda do Dia do Senhor como um ladrão de noite. Jesus e Paulo também enfatizaram que uma apostasia sacrílega se desenvolveria na Igreja institucional, acompanhada por sinais enganosos e falsas maravilhas, antes da reunião dos santos na gloriosa *parousia* de Cristo (Mat. 24:10-12, 24, 29 e 30; II Tess. 2:1, 3-10).

Não admira que estudiosos do Novo Testamento que têm comparado os dois relatos meticulosamente, concordem que “o paralelismo substancial é

Cristo usou expressões do livro de Daniel para descrever a libertação final de Seu povo após a tribulação do tempo do fim.



notavelmente extensivo, e inclui tanto paralelismo de estrutura como de idéias”.¹¹ Essa evidência requer nossa consideração sobre a escatologia de Paulo como uma elucidação e aplicação do discurso profético de Jesus.

Paulo poderia ter usado uma coleção de ensinamentos de Jesus, anteriores aos escritos do evangelho de Mateus. Nós focalizamos o uso que Paulo fez do termo *parousia*, em comparação com seu uso por Jesus em Mateus 24. Paulo respondeu à questão de alguns crentes tessalonicenses sobre se os que morre-

ram no Senhor tinham qualquer vantagem em relação aos que sobrevivessem. Poderiam os santos mortos perder a glória da *parousia*? Eles necessitavam a segurança da esperança cristã, em contraste com os que não têm esperança (I Tess. 4:13).

Paulo fundamentou a esperança no evangelho, na certeza da ressurreição de Jesus: “Pois, se cremos que Jesus morreu e ressuscitou, assim também Deus, mediante Jesus, trará, em Sua companhia, os que dormem” (I Tess. 4:14). Essa passagem afirma que todos

os que morreram no Senhor seguramente serão ressuscitados, tal como Jesus morreu e ressuscitou dos mortos. A frase “trará, em Sua companhia” não sugere qualquer retorno de almas dos Céus à Terra, mas o ato de Deus trazer os mortos à vida, assim como trouxe Jesus da tumba, como “as primícias dos que dormem” (I Cor. 15:20 e 23).

O apóstolo continua sua explicação da seguinte maneira: “Ora, ainda vos declaramos, por palavra do Senhor, isto: nós, os vivos, os que ficarmos até à vinda do Senhor, de modo algum precederemos os que dormem. Porquanto o Senhor mesmo, dada a Sua palavra de ordem, ouvida a voz do arcanjo, e ressoada a trombeta de Deus, descerá dos Céus, e os mortos em Cristo ressuscitarão primeiro; depois, nós, os vivos, os que ficarmos, seremos arrebatados juntamente com eles, entre nuvens, para o encontro do Senhor nos ares, e, assim, estaremos para sempre com o Senhor” (I Tess. 4:15-17).

O propósito de Paulo não foi descrever os sinais que introduzem o segundo advento, mas “pela palavra [ou autoridade] do Senhor” responder a questão específica sobre os santos mortos em relação à *parousia*. Nos versos 13-16, ele tranquiliza os entristecidos crentes, garantindo-lhes que os mortos em Cristo não terão desvantagem alguma em relação aos santos vivos, porque eles “ressuscitarão primeiro”. Os dois grupos então simultaneamente arrebatados “para o encontro do Senhor nos ares”.

Dessa forma, o advento de Cristo sincroniza com a ressurreição e a trasladação dos santos. Em I Tess. 4:16 e 17, Paulo claramente ampliou em detalhes o que Jesus revelara em Mateus 24:30 e 31. Não há necessidade nem justificativa para compartimentalizações. Jamais deveríamos entender que Paulo esteja revelando uma *parousia*, uma ressurreição e reunião dos santos diferentes do que foi mencionado por Jesus em Ma-

Em sua primeira carta aos tessalonicenses, Paulo ensina justamente o oposto do arrebatamento secreto.

teus 24. A mesma trombeta que anuncia o encontro dos eleitos em Mat. 24:31 também chama à vida os santos que dormem em Cristo (I Cor. 15:52; I Tess. 4:16).

Como comandante-em-chefe das hostes angelicais, Cristo aparecerá no céu, com sons tais como os de ruidosas trombetas, em Sua gloriosa *parousia*. Em I Tess. 4:16 e 17, o apóstolo Paulo ensina justamente o oposto do arrebatamento secreto.

Em seu famoso “capítulo da ressurreição” escrito à igreja de Corinto, Paulo novamente introduz a trombeta apocalíptica para anunciar a ressurreição e a trasladação de todos os santos: “Eis que vos digo um mistério: nem todos dormiremos, mas transformados seremos todos, num momento, num abrir e fechar de olhos, ao ressoar da última trombeta. A trombeta soará, os mortos ressuscitarão incorruptíveis, e nós seremos transformados” (I Cor. 15:51 e 52). O apóstolo não diz que o arrebatamento terá lugar “num momento”, mas que o corpo perecível do crente será transformado instantaneamente, “num abrir e fechar de olhos”, em um corpo imortal (ver Fil. 3:20 e 21). Essa mudança, entretanto, somente acontecerá “ao ressoar da última trombeta”, que será ouvida, conforme Jesus Cristo, em Sua gloriosa *parousia* (Mat. 24:31).

Outra questão dos tessalonicenses levada a Paulo diz respeito ao tempo do Dia do Senhor: “Irmãos, relativamente aos tempos e às épocas... [kairos = data]” (I Tess. 5:1). O apóstolo respondeu que tal preocupação devia ser deixada de lado, considerando que a data desse dia não pode ser prevista, pois “o dia do Senhor vem como ladrão de noite” (I Tess. 5:2) súbita e inesperadamente para os descrentes (v. 3), mas aguardado pelos santos que vivem em constante prontidão (I Tess. 5:4-8; Mat. 25:13).

Paulo salientou que o Dia do Senhor, ou a *parousia* de Cristo (I Tess. 5:23), terá um duplo aspecto: “Porque Deus não nos destinou para a ira, mas para alcançar a salvação mediante nosso Senhor Jesus Cristo” (5:9). O apóstolo usou a palavra “ira” para indicar o julgamento retributivo de Deus (I Tess. 1:10; Rom. 5:9), o qual ele mesmo descreve em II Tessalonicenses 1:7-10.

Em sua segunda carta à igreja de Tessalônica, Paulo enfrentou uma situação diferente. Agora ele devia tratar com um erro relacionado ao tempo da *parousia*

e da reunião dos santos (II Tess. 2:1). Alguns irmãos criam que “o dia do Senhor” havia chegado (v. 2). Como resultado dessa crença, tornaram-se confusos e se recusavam a trabalhar (II Tess. 3:10 e 11). Esse prematuro senso de cumprimento apocalíptico exigiu uma refutação por parte do apóstolo. Ele recorda sua instrução anterior concernente ao futuro surgimento do “homem da iniquidade”, como um evento que deve ocorrer antes do Dia do Senhor (2:3). Em virtude de que esse anticristo ainda não tinha feito sua aparente *parousia*, “com todo poder, e sinais e prodígios da mentira” (2:9), Paulo explicou que o dia da *parousia* de Cristo também ainda não havia chegado (vs. 3, 4 e 9).


Como um segundo argumento contra a injustificada insistência na expectativa da vinda de Cristo como sendo imediata e iminente, Paulo recorda aos tessalonicenses o bem conhecido poder restritivo que deteve o aparecimento público do “homem da iniquidade” naquele tempo (II Tess. 2:4-7).¹² Para compreender apropriadamente a predição paulina de uma apostasia massiva ou afastamento da fé cristã antes do Dia do Senhor, devemos reconhecer a aplicação que ele faz das profecias de Daniel sobre o inimigo de Deus (caps. 7, 8, 11 e 12).

De Daniel 7, os Pais da Igreja aprenderam que o detentor do surgimento do anticristo era o poder civil do Império Romano e seu imperador.¹³ Os dispensacionalistas insistem que o detentor que seria removido antes de ser revelado “o homem da iniquidade” é o Espírito Santo trabalhando através da Igreja, insinuando assim o seu arrebatamento “a qualquer tempo”.¹⁴

Em II Tessalonicenses 2, a intenção de Paulo é precisamente refutar essa expectativa através do uso que faz da seqüência dos impérios mundiais, conforme Daniel, em seu prognóstico (II Tess. 2:3 e 4 aplica Dan. 7:25; 8:25; 11:36, como a *New American Standard Bible* indica). Daniel é a chave indispensável para compreensão do esboço que Paulo faz da Igreja em II Tessalonicenses 2.¹⁵ O apóstolo adverte a igreja para atentar aos sinais da apostasia, de modo que a *parousia* ou o Dia do Senhor não a surpreenda como um ladrão (I Tess. 5:1-6).

Paulo salientou ainda o efeito da *parousia* sobre o anticristo: o Senhor virá para destruir “o iníquo... com o sopro

da Sua boca, e o destruirá pela manifestação de Sua vinda” (2:8). O efeito sobre os santos será o oposto: “Irmãos, no que diz respeito à vinda de nosso Senhor Jesus Cristo e à nossa reunião com Ele...” (2:1). Assim Paulo repete a união inseparável da *parousia* e do arrebatamento, conforme descrito em I Tessalonicenses 4.

O evangelho apocalíptico de Paulo assemelha-se muito ao de Cristo em Mat. 24:21-31. Jesus e Paulo apresentam a segunda vinda e o arrebatamento da Igreja como um só evento que ocorrerá imediatamente à tribulação patrocinada pelo anticristo. Enquanto o Mestre advertiu particularmente contra o engano de uma *parousia* secreta e invisível (Mat. 24:26 e 27), Paulo fez o mesmo especificamente contra o engano de uma *parousia* a qualquer momento (II Tess. 2:3-8). 

Referências

1. John F. Walvoord, *The Blessed Hope and the Tribulation*, Grand Rapids, MI: Zondervan, 1976, pág. 48; *Na Investigation of Dispensational Premillennialism: An Analysis and Evaluation of the Eschatology of John F. Walvoord*, tese de doutorado na Universidade Andrews, Berrien Springs, MI: 1992, pág. 12.
2. C. C. Ryrie, *Dispensationalism Today*, Chicago: Moody Press, 1965, págs. 44 e 45.
3. O. T. Allis, *Prophecy and the Church*, Presbyterian and Reformed Pub. Co., 1974; G. E. Ladd, *The Blessed Hope*, Grand Rapids: Eerdmans, 1972; A. Reese, *The Approaching Advent of Christ*, Grand Rapids: International Pub. 1975.
4. K. K. Kim, *The Signs of the Parousia*, tese de doutorado na Universidade Andrews, 1994.
5. *Dictionary of the New Testament*. C. Brown (editor), Grand Rapids: Zondervan, 1976, vol. 2, págs. 898-901; *A Greek-English Lexicon of the New Testament*, Chicago: University of Chicago Press, 1957, pág. 635.
6. John F. Walvoord, *Op. Cit.*, págs. 34 e 35.
7. *Ibidem*, pág. 59.
8. A. Smith em *The New Interpreter's Bible*, vol. 11, págs. 675-678.
9. J. B. Orchard, “Thessalonians and the Synoptic Gospels”, *Biblica* 19, págs. 19-42; D. Ford, *The Abomination of Desolations in Biblical Eschatology*, Washington, D.C.: Univ. Press of America, 1979, págs. 198-210. L. Hartman, *Prophecy Interpreted*, Gleerup Lund, Suécia, 1966, págs. 178-202.
10. G. H. Waterman, “The Sources of Paul's Teaching on the 2nd Coming of Christ in 1 e 2 Thessalonians”, *Journal of the Ev. Theol. Soc.*, 1975, vol. 18, págs. 105-113.
11. D. Wenham, “Paul and the Synoptic Apocalypse” em *Gospel Perspectives*, 1981, vol. 2, págs. 345-375.
12. H. K. LaRondelle, “The Middle Ages Within the Scope of Apocalyptic Prophecy”, *JETS* 32/3, 1989, págs. 345-354; *How to Understand the End-Time Prophecies of the Bible*, 1ª ed., Sarasota, FL: 1997, cap. 7.
13. Irenaeus, *Against Heresies* 25, vol. 1, pág. 554; G. E. Ladd, *A Theology of the New Testament*, Grand Rapids: Eerdmans, 1974, pág. 560.
14. John F. Walvoord, *Op. Cit.*, pág. 128; J. D. Pentecost, *Things To Come*, Findlay, Ohio: Dunham, 1961, pág. 296.
15. H. K. LaRondelle, *Handbook of Seventh-day Adventist Theology*, Hagerstown, Md.: Review and Herald Pub. Association, 2000, págs. 866-869, cap. 2.

NOVO ANO, velhas prioridades



JONAS ARRAIS

Secretário ministerial associado da Divisão Sul-Americana da IASD

Pastor algum deseja subir a escada do sucesso apenas para descobrir que ela estava apoiada na parede errada. Todos desejamos chegar ao fim e ter a satisfação de saber que fizemos não apenas coisas boas, mas o melhor. Ao servir a Cristo, Marta fez o que era benéfico; porém, Jesus destacou que ela havia negligenciado algo que era necessário. Apesar de suas boas intenções, tinha dificuldades com relação às prioridades.

O sucesso é uma série de escolhas corretas. A cada dia encontramos-nos diante de uma bifurcação. Quando dizemos “sim” a uma atividade, devemos estar prontos para dizer “não” à outra. “Aprendizagem eficaz”, diz Ted Engstrom, “é a disposição de sacrificar algo em prol de objetivos predeterminados.” Saberemos o que desejamos alcançar e então nos colocaremos a campo com essa única determinação. Como disse Dwight L. Moody: “Dedico-me ao número um... não superficialmente ao quadragésimo”.

Porém, quais devem ser nossas prioridades? Como devemos gastar nosso tempo quando há uma infinidade de coisas boas a serem escolhidas e realizadas? Cada pastor deve determinar essas

Quando existem muitas coisas importantes para serem realizadas, o pastor inteligente e produtivo sabe escolher fazer o essencial

prioridades para si mesmo. Não há resposta correta para a pergunta sobre quanto tempo gastar cada semana com administração da igreja, aconselhamento e visitação dos membros. Tais questões serão determinadas de acordo com seus dons, número de membros da igreja e as expectativas da congregação.

No entanto, há princípios que devem nos orientar, independentemente de nossa específica descrição de trabalho. A seguinte relação de prioridades, enumeradas por Erwin Lutzer, ajuda a escolher as muitas opções que confrontam a todos nós no ministério.

Orar é mais importante do que pregar

Quando digo que “orar é mais importante do que pregar”, não quero dizer que devemos gastar mais tempo em oração do que em estudo, embora possa haver ocasiões quando isso será mais proveitoso. O que desejo dizer é que devemos manter nosso tempo para a oração ainda mais protegido do que o tempo para estudo. Quando formos obrigados a escolher, a oração deve ter a prioridade.

Jesus Cristo passou grande parte do Seu ministério em oração. Certo dia, Seus milagres deixaram a multidão de tal maneira admirada que toda a cidade se reuniu diante da porta. Na manhã seguinte, Ele Se levantou de madrugada e foi para um lugar solitário a fim de orar.

Pedro e outros discípulos O interromperam, dizendo: “Todos Te buscamos” (Mar. 1:37). Mas Cristo respondeu: “Vamos a outros lugares, às povoações vizinhas, a fim de que Eu pregue também ali, pois para isso é que Eu vim” (v. 38).

Noutras palavras, recusou-Se permitir à multidão ditar Seus compromissos.

A oração nas primeiras horas da manhã era mais importante do que o trabalho. Embora devamos dedicar muito tempo preparando nossa mente para a pregação, não podemos esquecer que os grandes homens do passado passavam a mesma quantidade de tempo em oração. Para eles, orar não era o preparo para o trabalho; era o trabalho.

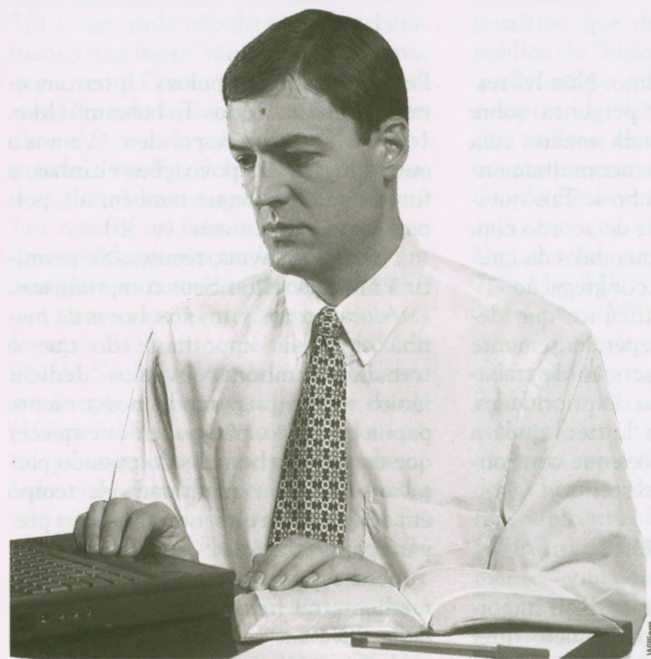
Se a sua vida de oração está sendo medíocre ou inconsistente, sua prioridade deve ser tomar tempo para esse exercício indispensável.

Pregar é mais importante do que administrar

Muitos pastores gastam tanto tempo administrando a igreja, visitando os membros e realizando outras atividades, que têm pouco tempo para o estudo e a meditação. A tentação é passar a maior parte de nosso tempo em nossas “zonas de conforto”. Aqueles que apreciam o estudo, muitas vezes ignoram a administração; aqueles que batalham na administração tendem a negligenciar o estudo. Feliz a igreja cujo pastor faz as duas coisas.

As comissões são necessárias. Ainda mais importante é a visão e a capacidade de levar a congregação a atingir os seus alvos. Mas, no final das contas, é o ministério da Palavra que propicia maior impacto. Normalmente, a igreja pode tolerar a administração frágil, se tiver uma pregação eficaz. Não há nada mais trágico do que as pessoas irem à igreja e retornarem a seus lares sem o alimento espiritual.

Uma forma de obter mais tempo em um dia atarefado é exercitar a arte da delegação. Pergunte-se o que você está fazendo e o que poderia ser realizado por outra pessoa. Seja generoso ao delegar todas as responsabilidades possíveis. Será que esquecemos que pessoa alguma possui todos os dons e que Deus colocou outros membros no corpo? Ou estamos tão desejosos de manter o controle que retemos tudo em nossas mãos? Talvez seria melhor deixar esse desejo de controlar aos pés da cruz.



A família é mais importante do que a congregação

Como pastores, recebemos nossa afirmação da congregação. Nossos sucessos e fracassos são conhecidos de muitas pessoas. O resultado é que nos sentimos vulneráveis à pressão da opinião pública. Isso explica a forte tentativa por atender às expectativas da congregação, colocando-as acima das necessidades da esposa e dos filhos.

O pastor, muitas vezes, sente como se tivesse muitos chefes. Contudo, manter a todos satisfeitos irá levá-lo a ignorar os

sentimentos de quem ama. Cada um de nós deve fazer alguma escolha deliberada em favor de nossa família. Devemos levar a esposa e os filhos para tomarem um sorvete, ao invés de fazer uma visita, pelo menos uma vez. Passar uma noite envolvido em algum projeto com a família, em vez de atender a um compromisso da igreja.

Comece hoje fazendo algumas escolhas em favor de sua família. Não seja facilmente seduzido pela noção muito propagada da "qualidade do tempo" em detrimento da quantidade. Deve haver equilíbrio, naturalmente, mas via de regra a família é que sai prejudicada.

Ser fiel é mais importante do que competir

Os membros de nossa congregação nos comparam com os pregadores dos programas televisivos ou com os pastores mais famosos. Se nos concentrarmos neles, logo estaremos insatisfeitos com nosso trabalho. Sabemos que conseguimos vencer o espírito de comparação quando formos capazes de nos alegrar com o êxito. Quando estivermos satisfeitos com nossa pequena parte na Obra de Deus, teremos um senso de satisfação e realização.

Diz uma lenda que, certo dia, Cristo pediu que Seus discípulos pegassem uma pedra e a carregassem. Depois de alguns dias, Ele transformou as pedras em pães. Aqueles que escolheram as pedras maiores ficaram felizes com sua escolha. Quando Cristo lhes pediu que apanhassem novamente outras pedras, todos os discípulos escolheram as mais pesadas. Mas, depois de muitos dias, o Mestre simplesmente as lançou ao rio. Os discípulos ficaram aturdidos, questionando-se quanto ao propósito daquela ação. Então Jesus lhes perguntou: "Para quem vocês carregam as pedras?"

Se carregamos as pedras para Cristo, o que Ele fizer com elas não fará qual-

quer diferença. A questão não é se nossas pedras se tornam em pães, mas se nosso Mestre está satisfeito. A fidelidade, não o sucesso como geralmente é definido, é o que Ele requer.

Amar é mais importante do que ser hábil

Devemos conhecer a Palavra e ser capazes de transmiti-la. Devemos ter a capacidade para liderar e trabalhar com as pessoas. No entanto, Paulo deu a esses aspectos essenciais do trabalho pastoral um lugar de menor destaque do que o amor. Habilidade para falar, exercitar o dom de profecia, ter fé para mover montanhas e até mesmo dar todas as nossas posses aos pobres, nada disso tem o menor valor se não tivermos amor (1 Cor. 13:1-3).

O amor em si não nos qualifica para pastorear uma congregação, mas Paulo nos diz que devemos nos concentrar primeiro no amor. Quando confrontados com uma escolha, devemos desenvolver a capacidade de amar em lugar da capacidade para ministrar. Nem mesmo o melhor ensino bíblico será capaz de transformar vidas, se não tiver sido filtrado através de uma personalidade repleta de amor. Quando atacamos rigidamente o pecado, raramente motivamos a congregação à santidade. No entanto, quando pregamos com mansidão e amor, o Espírito Santo abrandará os corações empedernidos. Não podemos nos cansar de dizer: "sem amor, nada somos".

Considere, caro pastor, seus compromissos e pergunte-se o que poderá mudar, para viver de acordo com as prioridades do Senhor. Quando um famoso escultor foi interrogado sobre como esculpir um elefante, ele respondeu: "Pego um bloco de mármore e corto tudo o que não se parece com um elefante."

Pegue o bloco do tempo e corte tudo o que não corresponde às elevadas prioridades. Agindo assim, provavelmente iremos descobrir que estamos realizando muito mais do que antes. Quando buscamos em primeiro lugar o Seu reino e a Sua justiça, nossa produtividade não tem fim. Apenas quando tivermos realizado o essencial, damos a Deus a chance de acrescentar a nosso ministério outras questões que anteriormente eram a nossa primeira preocupação.

Se as nossas prioridades não forem corretas, nosso ministério também não o será.



Lições de uma TRAGÉDIA



WERNER MAYR

*Diretor editorial da Associação
Casa Editora Sudamericana,
Buenos Aires, Argentina*

O sol do dia 11 de setembro despertou a população dos Estados Unidos para a rotina de sempre. Repentinamente, um estupor envolveu o mundo, surpreendeu milhões e intimidou muitos que imediatamente participaram da alteração não apenas do desenvolvimento normal das atividades habituais, mas também do generalizado despertar para certas realidades sociopolíticas.

É sinistra a inteligência colocada a serviço de um execrável ato genocida cujas conseqüências imprevisíveis serão experimentadas por toda a sociedade humana. Isso em virtude do fato de que as torres gêmeas de Nova York se constituíam num símbolo do poder financeiro, o que convertia aquela cidade na capital econômica do mundo. E, pela existência do Pentágono, Washington é a capital do aparato militar e da inteligência estratégica supostamente mais poderosa do planeta.

Com o ataque a esses alvos, os analistas têm concordado que depois do que aconteceu em 11 de setembro, os

Os ataques terroristas aos Estados Unidos, nos convidam a refletir sobre nossa atitude em meio à guerra contra as milícias espirituais do mal

Estados Unidos e, conseqüentemente, o mundo inteiro jamais voltarão a ser o que foram até às 8h45 daquele dia. Tal percepção e o que foi contemplado pelo apóstolo João, nas visões do Apocalipse, nos permitem deduzir que está se aproximando a hora na qual o outro poder que desfila no cenário profético do capítulo 13 daquele livro, cujos chifres são semelhantes aos de um cordeiro, começará a falar como dragão.

Essa apreciação está fundamentada nas declarações feitas pelo presidente George W. Bush e por seu secretário de Estado, Collin Power. Tais declarações são sobejamente conhecidas.

Mas, de tudo o que aconteceu em Nova York e em Washington, haveria porventura alguma lição que necessitamos aprender, como ministros da Igreja Adventista? A resposta é sim. Especialmente se nos lembrarmos de que também estamos em conflito constante com as milícias espirituais do mal.

O perigo da confiança própria

O governo dos Estados Unidos, com seu ultra-sofisticado sistema de defesa e invisível escudo para proteger a nação de ataques externos, gerou na população e nos militares elevados níveis de confiança. Esse sentimento os impediu

de pensar nas possibilidades de um golpe certo desferido a partir do seu próprio território. Alguma coisa em termos de vigilância não funcionou como deveria. Isso nos faz pensar.

Cristo nos adverte no sentido de vigiarmos. Afinal, em nossa própria casa, igreja, em nosso coração e em nossa mente, podemos estar abrigando ou adestrando inconscientemente inimigos espirituais infiltrados. Diz a Palavra do Senhor, falando sobre a oposição encontrada por aqueles que se decidem pela verdade: “Assim, os inimigos do homem serão os da sua própria casa” (Mat. 10:36). E mais: “O que, porém, vos digo, digo a todos: Vigiai!” (Mar. 13:37).

Os acontecimentos de 11 de setembro também nos fazem abrir os olhos a outra realidade que tem lugar quando o chefe dos inimigos invade o território da nossa vida, através das janelas da alma. Então mina o nosso ser com mundanidade, secularismo, frivolidade, vulgaridades e tantas outras tendências que neutralizam a relação com Deus. Durante um tempo, nada de mal ocorre. Mas, um dia, se afrouxarmos a vigilância, seremos abatidos como as outrora consideradas indestrutíveis torres do World Trade Center.

A voz da profecia

As profecias bíblicas merecem nosso crédito. Os profetas de Deus se caracterizaram por escrever a História antes que ela acontecesse. Na transmissão das advertências que necessitamos saber, o Criador antecipou certas realidades ao apóstolo João e outras muito específicas a Ellen White. Numa de suas predições, ela viu abatidas as expressões de orgulho, ambição e autoglorificação do homem, citando ocorrências nitidamente similares às de Nova York. Eis suas palavras:

“Uma ocasião, achando-me eu na cidade de Nova York, fui convidada, à noite, para contemplar os edifícios que se erguiam, andar sobre andar, para o céu. Garantia-se que esses edifícios seriam à prova de fogo, e haviam sido erigidos para glorificar seus proprietários... Erguiam-se eles cada vez mais alto... Aqueles a quem essas construções pertenciam não perguntavam a si mesmos: ‘Como melhor poderemos glorificar as Deus?’ Não tinham ao Senhor em suas cogitações.

“Pensei: ‘Quem derá que os que deste modo estão empregando seus recursos vissem o seu procedimento como Deus os vê! Estão amontoando edifícios magníficos, mas que loucos são, à vista do Dominador do Universo, seus planos e projetos! Não estão estudando com todas as faculdades do coração e da mente, como possam glorificar a Deus. Perderam de vista isso, que constitui o primeiro dever do homem.

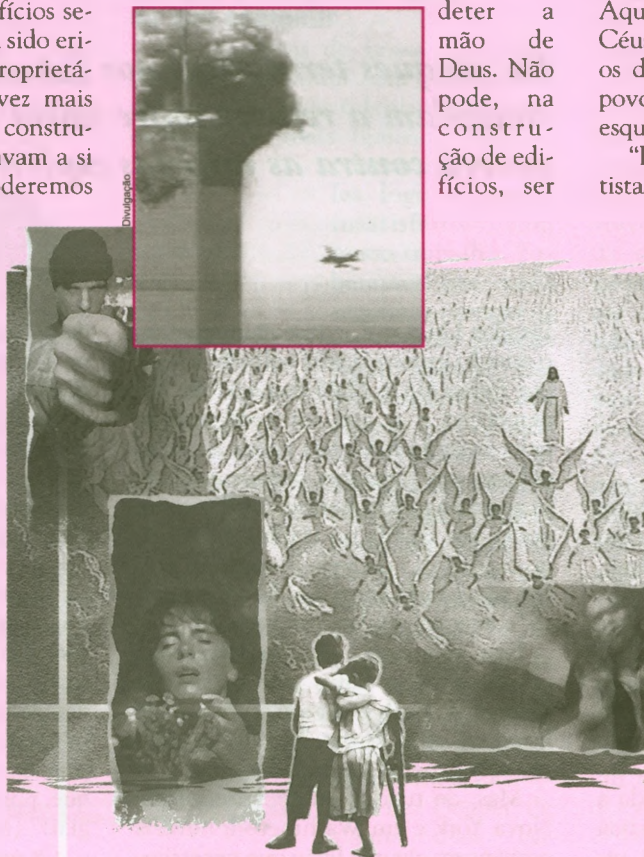
“Enquanto se erguiam esses edifícios, os proprietários se regozijavam com ambicioso orgulho de que tivessem dinheiro para empregar na satisfação do próprio eu e provocar a inveja de seus vizinhos. Grande parte do dinheiro que assim empregavam havia sido alcançado por extorsões, oprimindo os pobres. Esqueciam-se de que no Céu se conserva o registro de todas as transações comerciais; todo trato injusto, cada ato fraudulento, acha-se ali registrado. Tempo virá em que em suas fraudes e insolências os homens atingirão o ponto que o Senhor não permitirá que transponham, e apren-

derão que há um limite para a longanimidade de Jeová.

“A cena que em seguida passou perante mim foi um alarma de fogo. Os homens olhavam aos altos edifícios, supostamente incombustíveis, e diziam: ‘Estão perfeitamente seguros.’ Mas esses edifícios foram consumidos como se fossem feitos de pez. Os aparelhos contra incêndios nada podiam fazer funcionar para deter a destruição...

“Fui instruída de que quando vier o tempo do Senhor, se não houver sido realizada mudança no coração dos soberbos, ambiciosos seres humanos, descobrirão os homens que a mão que fora forte para salvar, será forte para destruir. Nenhuma força terrestre poderá

deter a mão de Deus. Não pode, na construção de edifícios, ser



que os embaraçam.” – *Testemunhos Seletos*, vol. 3, págs. 281 e 282.

“O Senhor está retirando da Terra suas restrições e breve haverá morte e destruição, crescente criminalidade, e cruéis e maus intentos contra os ricos, os quais se exaltaram contra os pobres. Os que estão sem a proteção de Deus não encontrarão segurança em lugar nenhum nem em posição alguma. Os agentes humanos estão-se preparando e usando sua faculdade inventiva para fazer funcionar o mais poderoso aparelhamento para ferir e matar.

“Em breve graves perplexidades afligirão as nações, perplexidades que não cessarão até Jesus voltar. Como nunca dantes precisamos unir-nos servindo Aquele que preparou o Seu trono nos Céus, e cujo reino se sobrepõe a todos os demais. Deus não esqueceu o Seu povo, e nossa fortaleza consiste em não esquecer-Lo a Ele.

“Em sentido especial foram os adventistas do sétimo dia postos no mundo como atalaias e portadores de luz. A eles foi confiada a última mensagem de advertência a um mundo a perecer...” – *Idem*, págs. 285, 286 e 288.

Delta cinco

Faz um ano que transpusemos os limites de um novo século. Naquela ocasião, apesar de todos os presságios, nada especial aconteceu. Nove meses depois, quando ninguém esperava, o que ninguém imaginava ocorreu. Do mesmo modo como o presidente Bush declarou o alerta Delta 5, que estabelece uma vigilância máxima, devemos entrar em um estado de mobilização pessoal. Primeiramente, para que o inimigo não conquiste vantagem, estabelecendo-se no interior da nossa alma. Em segundo lugar, comprometendo-nos muito mais com a missão de anunciar ao mundo que nosso General cumprirá Sua promessa – “voltarei”.

Em lugar de viver ansiosos e especulativos quanto aos sinais do fim, ocupemo-nos para que, em cada um de nós haja suficientes evidências da presença transformadora de Cristo. Vivamos e trabalhe-mos confiantemente, pois Ele prometeu: “Eis que estou convosco até à consumação do século” (Mat. 28:20). M

usado material algum que os preserve da destruição, quando vier o tempo determinado por Deus para fazer cair sobre os homens as retribuições de seu desrespeito à Sua lei e de sua ambição egoísta.

“Não existem muitos, mesmo entre educadores e estadistas, que compreendam as causas que servem de base para o presente estado da sociedade... Se os homens dessem mais ouvido aos ensinamentos da Palavra de Deus, achariam uma solução para os problemas

PASTOR *versus* OVELHA



DAVID VanDENBURGH

D.Min, pastor de igreja em Kettering, Ohio, Estados Unidos

Conflitos entre igrejas e pastores estão se tornando cada vez mais comuns. Os motivos são muitos e variados. Quaisquer que sejam as causas, esses conflitos ocorrem com tanta frequência que absorvem muito tempo e energia, além de inibir a obra de Deus em muitos níveis.

Este artigo não tenta resolver todos os problemas entre pastores e membros; não explica por que eles ocorrem. Limita-se a delinear um processo pelo qual o conflito pode ser resolvido. Defende um processo que é bíblico e consistente com os princípios de ordem e decência em todas as coisas.

Sem dúvida, essa proposta é mais favorável aos pastores. Sou pastor e tenho a tendência de ver o ponto de vista dos pastores. Com muita frequência, os pastores acabam sendo os bodes expiatórios nos conflitos da igreja local. É bom lembrar que o conflito pode ter surgido em decorrência de o pastor fa-

O conflito é inevitável na igreja. Mas se for tratado corretamente, as partes envolvidas sairão mais fortes e amadurecidas

zer exatamente o que necessitava fazer com vistas ao bem da congregação. Um episódio intensificado de conflito pode também ser o resultado de questões profundas que vêm sendo parte do sistema da família congregacional por anos e enraizadas nas circunstâncias que ocorrem tempos depois da chegada do pastor. Portanto, meu objetivo é considerar de forma construtiva o conflito congregacional, buscando resoluções que envolvem com justiça o pastor, mas que não imputem tudo a ele.

Um dos problemas aqui apresentados pode ser visto como o envolvimento excessivo ou prematuro do presidente do Campo no conflito entre o pastor e os membros. Esse tipo de “combate a incêndio” é fatal para o desempenho da liderança do Campo e a visão criativa. O Campo não pode se permitir ter seu líder envolvido nessas disputas. O secretário ministerial é quem deve ser o principal negociador nos conflitos que não podem ser resolvidos, em primeiro lugar, pela congregação. Isso reserva a atenção do presidente às raras situações em que o conflito foge dos limites locais. O secretário ministerial tem a confiança dos pastores e, em muitos casos, é um pastor recém-saído de uma igreja; de modo que compreende a dinâmica congregacional.

Situações atendidas

Na maioria dos casos, o conflito inicia com um ou dois membros da igreja que se ressentiram do pastor devido a algo que ele disse ou fez, ou que não disse ou não fez. O conflito se propaga quando outros membros passam a falar sobre o assunto. Finalmente, acaba envolvendo pessoas em número suficiente para prejudicar a vida e o bem-estar do rebanho. Nessa altura dos acontecimentos, as pessoas gastarão mais tempo e energia falando a respeito do “problema” do que sobre Cristo e Sua missão através da igreja. A confiança entre pastor e membros é reduzida; a pregação e os ensinamentos passam a ser questionados os motivos. O caráter será posto em dúvida.

A questão central pode ser entendida como teológica, processual ou pessoal, mas prontamente deixa de ser a questão. Na verdade, virtualmente em todos os casos, a questão é alguma disfunção sistêmica. A solução definitiva pode ser alcançada ao se tratar das questões que parecem não dizer respeito à contenda e que podem envolver a família congregacional, juntamente com o pastor, em dor considerável e desnecessária. Infelizmente, poucas pessoas estão interessadas em crescer se

O isso significa dor. Assim, a resolução definitiva do conflito não ocorrerá, salvo se houver compromisso persistente e consistente.

Prioridades do processo

O processo é estabelecido em três prioridades derivadas da orientação de Cristo quanto ao trato de conflito interpessoal, delineada em Mateus 18.

Restrinja o conflito ao nível mais primário possível e busque resolvê-lo aí. Se o conflito for entre duas pessoas, isso significa que uma terceira parte não precisa inteirar-se dele, impedindo assim o mexerico. Nenhuma das partes deve falar sobre o conflito com outra pessoa. O mandamento “não dirás falso testemunho” impede que eu relate o problema a meus amigos, quando a outra parte envolvida não estiver presente para apresentar sua versão da história. O meu lado nunca é a verdade; é apenas a verdade como a concebo. A verdade total não será contada até que ambos os lados tenham a oportunidade

de ouvir o outro lado e de responder em um ambiente tão limitado quanto o escopo do conflito.

O mexerico causa prejuízos incalculáveis à igreja e a seu ministério. O mais triste de tudo é a cegueira dos cristãos que não podem ou não desejam ver que falar a respeito das faltas alheias, sem primeiro ter conversado com a pessoa

em questão, é mexerico. Em outras palavras, pare de fazer mexericos e o conflito se restringirá aos níveis primários.

Não faça reuniões secretas. Realizar reuniões secretas onde a pessoa em questão não é convidada é impróprio. Não há necessidade de buscar o conselho de outras pessoas. Jesus já nos deu instruções claras quanto ao que fazer.

Encare o conflito como oportunidade de crescimento, não de amargura. O conflito é tanto inevitável quanto um meio para o crescimento. Se a contenda for tratada corretamente, todas as partes sairão mais fortes e amadure-

cidas. Não podemos nos permitir evitar os problemas. Devemos trazê-los à tona, enfrentá-los e aprender deles. Conflitos são inevitáveis. Os membros da igreja não poupam ninguém. O livro de Atos descreve francamente os conflitos ocorridos na Igreja primitiva.

Jesus diz: “Se teu irmão pecar [contra ti], vai argú-lo entre ti e ele só. Se ele te ouvir, ganhaste a teu irmão. Se, porém, não te ouvir, toma ainda contigo uma ou duas pessoas, para que, pelo depoimento de duas ou três testemunhas, toda palavra se estabeleça. E, se ele não os atender, dize-o à igreja; e, se recusar ouvir também a igreja, considere-o como gentio e publicano.” (Mat. 18:15-17).

A frase “se teu irmão pecar contra ti” estrutura a primeira pergunta que deve ser feita antes de iniciar o processo bíblico para a resolução de um conflito: “Meu irmão pecou contra mim?” Se a resposta for negativa, então devo encerrar a questão agora. Se a ofensa não for pecado, trata-se então simplesmente de divergências individuais. Por exemplo, algo que meu irmão fez inconscientemente contra mim, sem o desejo de me ferir, mas percebeu que me desagradou. Não gostei do ocorrido e sou livre para procurá-lo e falar a respeito, a fim de que não se repita.

Se estou zangado com meu irmão, sem motivo justo, e busco envolver outros em minha ira quanto a esse agravo imaginário ou exagerado, então eu pequei contra meu irmão e me torno objeto do processo descrito por Jesus. Ele desejou, claramente, que Suas instruções fossem seguidas sempre que surgisse um conflito entre os cristãos.

Quatro passos práticos

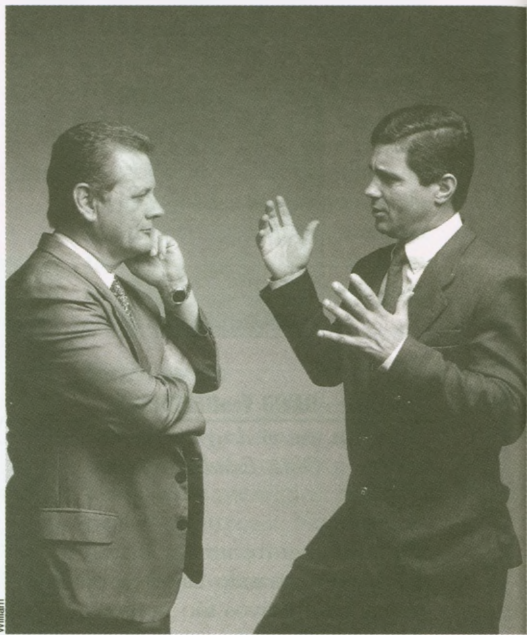
Quando empregamos tais orientações na situação de conflito entre a congregação e o pastor, chegamos a um protocolo que envolve quatro passos.

Procurar diretamente o pastor. A pessoa que tem uma queixa deve procurar direta e particularmente o pastor, sem discutir suas queixas com outra pessoa. Em espírito de amor e humildade, deve reconhecer que pode ter havido um mal-entendido, apresentar o conflito ao pastor e pedir esclarecimentos. É exatamente isso o que foi dito ou feito? Era esse o propósito? Por que é objetável? O que a pessoa gostaria que fosse feito a esse respeito?

Se for alcançada resolução satisfató-

ria nesse passo, a questão deve ser encerrada e não deverá ser levada a outras pessoas, nem pelo pastor nem pelo membro.

Fazer-se acompanhar de um ou dois anciãos. Caso haja persistência no impasse, o membro ofendido deve conversar com um ou dois anciãos, contar-lhes a respeito da queixa e informá-los de que o assunto já foi tratado diretamente com o pastor, mas em vão. Ou o pastor recusou-se ouvir ou deu explicação insatisfatória. Talvez o pastor tenha se recusado a desculpar-se ou mudar de atitude. Qualquer que seja a situação o membro ainda crê que o pastor está errado e que necessita ser corrigido.



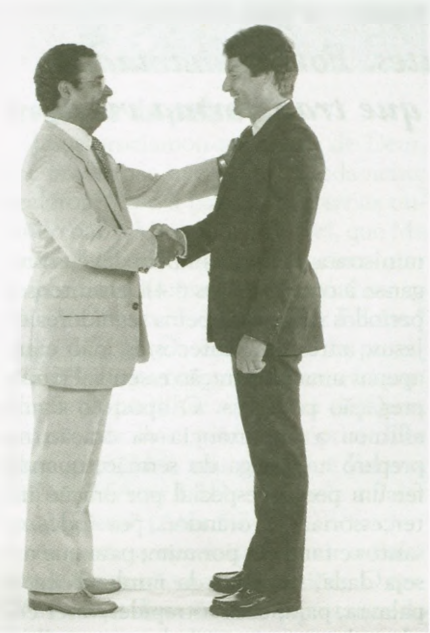
Se os anciãos dizem ao membro que não houve agravo, o processo deve parar aí e nada mais deve ser dito ou feito. Mas se o membro sente firmemente que deve conversar com o pastor na presença dos anciãos, estes devem buscar resolver o conflito. Alcançando-se um resultado satisfatório na conversação, a questão é encerrada e ninguém mais deve tomar conhecimento do assunto. Caso não se chegue a uma solução, então o membro deve dar o passo seguinte, sem comentar com ninguém, além do pastor e dos anciãos.

Falar à comissão da igreja. Até aqui, o conflito era privado; agora ele se torna público. A comissão da igreja deve ouvir a queixa contra o pastor e, se necessário, fazer perguntas para determinar realmente qual é a questão. É

Pastor e membros podem estar em conflito, não por falta de entendimento mútuo, mas porque se entendem e lutam por identidade e missão da igreja

princípio fundamental de justiça, e público, que a pessoa acusada tenha o direito de enfrentar o acusador e ouvir a acusação. Portanto, todas as partes envolvidas no conflito devem estar presentes durante a discussão. Ambas devem ter oportunidade de se pronunciar. A comissão pode ser tentada a exercer influência para manter o conflito sob a mesa, mas ele deve ser explorado e discutido. A negação do conflito gera aborrecimento.

Felizmente, a discussão levará à resolução quando as duas partes ficarem satisfeitas. Caso contrário, a comissão deverá decidir da forma mais justa e misericordiosa possível, e preservar os melhores interesses da igreja. A afirma-



ção de Paulo aos coríntios deve ser tida em mente: “Ou não sabeis que os santos hão de julgar o mundo? Ora, se o mundo deverá ser julgado por vós, sois acaso indignos de julgar as coisas mínimas?” (I Cor. 6:2).

Havendo resistência a uma reconciliação e as partes continuem divididas, o próximo passo é envolver a liderança do Campo, a Igreja como um todo.

Solicitar a presença do secretário ministerial. Esta será a primeira vez que o Campo irá se envolver no conflito. Apenas depois de terem sido enviados todos os esforços para resolvê-lo no âmbito local, é que o assunto deve ser levado às instâncias superiores.

O elo dos conflitos entre membros e o pastor é o secretário ministerial. Ele é a pessoa encarregada das relações en-

tre o pastor e o Campo. Possui conhecimento profundo da vida pastoral e congregacional. Se o conflito não puder ser resolvido nesse nível, existe a possibilidade de se apelar ao presidente; mas somente depois que o processo delineado até aqui tenha sido colocado em prática.

O secretário ministerial deve se reunir com a comissão da igreja e o pastor. Todas as partes envolvidas devem estar presentes e ouvir a discussão. Não haverá lucros se forem mantidos segredos. Sem que a questão seja tratada com franqueza, os conflitos não serão resolvidos.

Resoluções de longo alcance

Muitas vezes os conflitos não são meramente mal-entendidos ou preocupações que podem ser resolvidos facilmente. Eles podem derivar de diferenças profundas quanto à igreja, ao ministério, teologia, liderança ou relacionamentos. O pastor pode estar em conflito com os membros e vice-versa, não devido à falta de entendimento mútuo, mas porque se entendem e percebem que estão numa luta por identidade ou missão da igreja. Por exemplo, o pastor crê que o culto deve ser uma celebração de adoração e louvor. Os membros crêem que o culto deve ser um momento solene de arrependimento e contrição da alma. Então, a chance de continuar o conflito é real.

A essa altura fica por conta da comissão decidir se o que deve prevalecer é a concepção que o pastor tem da igreja, do ministério e liderança, ou se é a concepção dos membros litigantes. Essa é uma decisão cuja responsabilidade deve ser claramente assumida pela comissão. Não há como tentar buscar acordo ou harmonia. Se o conflito é resultado de questões fundamentais e essenciais, então a comissão deve decidir qual será o rumo da congregação e agir de modo a confirmar a visão de um dos grupos.

Se o secretário ministerial puder ajudar a encontrar uma solução satisfatória, o processo funcionou e Deus foi honrado. Caso contrário, a comissão deverá decidir a questão da visão, do ministério, direção, missão e liderança, separada do problema do pastor. O ponto focal deve ser: “O que escolhemos como nossa visão para esta igreja?” Só então a comissão deve perguntar-se: “Será que cremos que este pastor pode nos liderar com vistas à concretização dessa visão?”

Algo que necessita ser reconhecido

em toda a situação de conflito é a sua inevitabilidade, qualquer que seja a mudança buscada. A comissão da igreja deve estar certa de que o conflito, que cria tanto desconforto na congregação não é simplesmente o resultado de uma mudança inevitável, necessária e mesmo desejável entre eles. É importante lembrar que a boa liderança pastoral quase sempre produz mudança e esta é sempre desconfortável; especialmente em instituições que são inerentemente conservadoras. É um engano queimar o pastor que está orquestrando exatamente a mudança necessária para que a igreja seja mais eficaz.

A “liderança forte” de uma pessoa é “ditadura” para outra. Nem sempre é fácil saber o que está ocorrendo em determinada situação. A liderança leiga entrincheirada sempre resistirá a mudanças, especialmente o tipo de mudança que traz novas pessoas para os cargos de liderança. Em minha experiência, isso é, não raro, a causa de reclamações contra a liderança pastoral.

Essa liderança entrincheirada quase não tem a capacidade para enxergar que a mudança é boa e que o pastor é quase sempre identificado como a fonte de seu desconforto com respeito à mudança que está ocorrendo em sua congregação. Um dos objetivos da comissão da igreja é ver a questão e votar pela mudança, ainda que dolorosa. Na prática, é mais comum a comissão votar livrar-se do pastor. Se o secretário ministerial puder ajudar a comissão a ser mais objetiva e a ver a questão mais ampla, ótimo. Caso contrário, talvez o melhor seja transferir o pastor para uma congregação mais aberta e dócil.

Último passo

Se o conflito não puder ser resolvido nas reuniões entre as facções, na comissão da igreja ou com a intervenção do secretário ministerial, a última instância é apelar ao presidente do Campo. Mas esse é o fim do processo na busca de solução, não seu início. Provavelmente, o presidente não aceitará reunir-se com qualquer delegação da igreja até que o secretário ministerial lhe informe que todo o processo foi seguido e que não se chegou a uma solução. Enquanto o secretário ministerial estiver trabalhando no problema, e estiver disposto a continuar, é melhor que o presidente se mantenha afastado dele.

O SERMÃO eficaz



DEREK J. MORRIS

D.Min, pastor da igreja de Calimesa, Califórnia, e professor adjunto de homilética na Universidade Adventista do Sul, Collegedale, Tennessee, Estados Unidos

“**S**enhor, ensina-nos a pregar!” Seria bom que os discípulos tivessem feito esse pedido a Cristo, tal como o fizeram com respeito à oração. Teríamos então todos os benefícios de algumas orientações práticas sobre pregação, recebidas diretamente do Mestre dos pregadores. Ao examinarmos a vida e o ensino de Jesus, descobrimos muitos princípios que podem revolucionar nosso ministério da pregação.

O poder do Espírito

Jesus testemunhou claramente que o Espírito do Senhor O ungiu para pregar (Luc. 4:18). Seria muito afirmar que não deveríamos pregar a Palavra de Deus até que fôssemos primeiramente ungidos por Seu Espírito? Jesus Cristo ordenou que Seus discípulos esperassem em Jerusalém até que recebessem a promessa do Pai (Atos 1:8). Depois da unção celestial no Pentecostes, os se-

Não fomos chamados a entreter o povo com histórias apenas interessantes. Fomos chamados a proclamar uma Palavra que transforma vidas

guidores de Cristo saíram para pregar no poder do Espírito Santo.

Um caso exemplar é o de Estêvão, o diácono, descrito como “cheio de fé e do Espírito Santo” (Atos 6:5), e também como “cheio de graça e poder” (v. 8). Quando Estêvão pregava, seus ouvintes “não podiam resistir à sabedoria e ao Espírito, pelo qual ele falava” (v. 10). Mesmo a comunicação não-verbal de Estêvão foi uma irrefutável testemunha: “Todos os que estavam assentados no Sinédrio, fitando os olhos em Estêvão, viram o seu rosto como se fosse rosto de anjo” (v. 15). Sua vida demonstrou que quando uma pessoa está cheia do Espírito, ela está cheia de poder. E prega com santa ousadia (Atos 4:29-31; 13:6-12).

Entrega e oração

Jesus, o Pregador Mestre, devotou muito tempo à prática da oração. Enquanto Ele Se preparava para pregar nas sinagogas através da Galiléia, levantava-Se cedo pela manhã, dirigia-Se a um lugar solitário e orava (Mat. 1:35-39). Antes de pregar Seu sermão estratégico sobre o pão da vida, o Senhor gastou horas em oração (Mat. 14:23-25). Para Jesus, pregação e oração estavam inextricavelmente conectadas.

Os alunos da pregação de Jesus também compreenderam que aquele que

ministra a palavra também deve entreter-se à oração (Atos 6:4). Os intensos períodos de oração pelos seguidores de Jesus, antes do Pentecostes, não eram apenas uma preparação essencial para a pregação poderosa. O apóstolo Paulo afirmou a importância da oração no preparo e entrega do sermão, quando fez um pedido especial por oração intercessória: “... orando... por todos os santos e também por mim; para que me seja dada, no abrir da minha boca, a palavra, para, com intrepidez, fazer conhecido o mistério do evangelho” (Efés. 6:18 e 19). Ele compreendeu que, sem oração, não poderia falar com ousadia (v. 20).

A escassez de poderosa pregação bíblica entre nós está diretamente relacionada à escassez de oração poderosa. Com seu ato de negar a Cristo, Pedro ilustra a incômoda verdade segundo a qual nós não teremos um poderoso testemunho sobre Jesus para partilhar com outros, se estivermos dormindo quando deveríamos estar orando. A lição é clara. Ore pela direção de Deus antes de começar a preparar um sermão. Ore enquanto o prepara. Ore enquanto prega. Aprenda, do exemplo de Jesus, que pregar poderosamente é resultado de muita oração, não de corre-corre. Banhe seu sermão em oração e entrega de si mesmo a Deus.



Pregação da palavra

Jesus proclamou a Palavra de Deus, por preceito e exemplo. Ousadamente declarou: "... e a palavra que estais ouvindo não é Minha, mas do Pai, que Me enviou" (João 14:24). E enquanto orava por Seus discípulos, testemunhou ao Pai: "Eu lhes tenho dado a Tua Palavra" (João 17:14). Os estudantes da pregação de Cristo compreenderam a importância de partilhar a Palavra de Deus, ao invés de suas opiniões próprias. Eles "com intrepidez, anunciavam a Palavra de Deus" (Atos 4:31), e "crescia a Palavra de Deus" (Atos 6:7).

As pessoas necessitam ouvir a Palavra de Deus, não nossas opiniões. O que Deus tem a dizer é mais importante do que nós temos a dizer.

Ouvimos muitos sermões, atualmente, que dão apenas um leve aceno à Palavra de Deus. Nos dias de hoje, sermões bíblicos, com ilustrações contemporâneas têm-se transformado em sermões contemporâneos com ilustrações bíblicas ocasionais. O resultado é falta de poder no púlpito e falta de transformação na igreja. Tais sermões podem ser divertidos, interessantes, mas não produzem mudança duradoura.

Comunicação da graça

Quando Jesus pregava, Ele não simplesmente falava a respeito da graça de Deus. Ele realmente comunicava a graça de Deus. Lucas recorda que em resposta à Sua pregação na sinagoga em Nazaré, Seus ouvintes "se maravilhavam das palavras de graça que Lhe saíam dos lábios"

(Luc. 4: 22). Essa resposta da audiência é um testemunho não da finura de Sua expressão oral, mas uma resposta à essência de Sua fala. Jesus era "cheio de graça" (João 1:14) e quando Ele pregava, comunicava a graça de Deus.

Uma das mais poderosas palavras de graça do ministério da pregação de Cristo é encontrada no sermão que Ele pregou em uma determinada noite para uma pessoa: "Porque Deus amou ao mundo de tal maneira que deu o Seu Filho unigênito, para que todo o que nEle crê não pereça, mas tenha a vida eterna. Porquanto Deus enviou o Seu Filho ao mundo, não para que julgasse o mundo, mas para que o mundo fosse salvo por Ele" (João 3:16 e 17).

Os aprendizes da pregação de Jesus compreenderam que foram enviados para comunicar a graça de Deus. Pedro começou Sua mensagem aos peregrinos da dispersão com as palavras "graça e paz vos sejam multiplicadas" (1 Ped. 1:2). Paulo começava suas mensagens em numerosas ocasiões com as palavras: "Graça a vós outros e paz da parte de Deus, nosso Pai, e do Senhor Jesus Cristo" (Efés. 1:2). E nos aconselha: "A vossa palavra seja sempre agradável [com graça]" (Col. 4:6).

Todo sermão deveria comunicar uma clara palavra de graça. É a graça de Deus que conduz esperança. É verdade que todo sermão deveria também conter uma clara palavra de julgamento. Porém, mesmo essa palavra de julgamento deveria ser comunicada com graça em nosso coração.

Auditório atento

Jesus demonstrou uma notável conscientização de Sua audiência. Ele compreendeu que a comunicação efetiva é diálogo, não apenas monólogo. Também abordou questões que estavam na mente de Seus ouvintes (Mat. 24:3; Luc. 10:39). Interagiu com eles através de perguntas (Luc. 10:36). Pelo menos, em uma ocasião, Ele até permitiu a rude interrupção de alguém e direcionou o curso do sermão (Luc. 12:13-21).

Jesus era atento às respostas verbais e não-verbais de Seus ouvintes. Durante Seu sermão em Nazaré, Ele discerniu as mensagens não-verbais dos que estavam presentes. A linguagem corporal que acompanhou o comentário "não é este o filho de José?" sugeria um espírito resistente e falta de fé. Respondendo a esses ouvintes, Jesus disse: "Sem dúvida, citar-Me-eis

este provérbio: Médico, cura-te a ti mesmo" (Luc. 4:23). E então mudou o foco de Sua mensagem, da proclamação do ano aceitável do Senhor para a importância da fé.

Os alunos de Jesus aprenderam do seu Mestre a importância de ficar atento às reações da audiência. Os que estavam presentes no dia de Pentecostes dialogaram com Pedro enquanto ele pregava no poder do Espírito Santo. Tendo proclamado ousadamente que "a este Jesus, que vós crucificastes, Deus O fez Senhor e Cristo" (Atos 2:36), Pedro fez uma pausa para ouvir a resposta da audiência. O comentário "que faremos, irmãos?" não marcou o fim do sermão. Ao contrário, foi uma parte essencial deste. Lembre-se de que toda comunicação efetiva envolve diálogo.

As pessoas necessitam ouvir a Palavra de Deus, não nossas opiniões. O que Deus tem a dizer é mais importante do que nós temos a dizer.

Um pregador não pode estar desatento à resposta dos ouvintes. Pedro continuou: "Arrependei-vos, e cada um de vós seja batizado em nome de Jesus Cristo para remissão dos vossos pecados, e recebereis o dom do Espírito Santo" (Atos 2:38). E o apóstolo mostrou

sensibilidade à resposta dos que o ouviam. O final do sermão aconteceu na água, quando cerca de três mil pessoas foram batizadas. Esse batismo foi uma parte do sermão, uma evidência clara de um diálogo transformador de vidas com Deus.

Afirmção simples e memorável

Um dia após a miraculosa alimentação de cinco mil pessoas, Jesus pregou um poderoso sermão. Ele usou uma simples e memorável afirmação para abordar Sua idéia principal: “Eu sou o pão da vida” (João 6:35). Podemos aprender muitas lições importantes dessa idéia. Primeira, é uma declaração simples, não uma sentença complexa. Segunda, é feita no sentido positivo. Não negativo.

Infelizmente não temos uma fita de vídeo com esse sermão de Cristo; mas os comunicadores concordam que há muitas formas de interpretação oral que podem ser usadas para enfatizar a principal idéia em um sermão. Jesus pode ter mudado Seu estilo quando disse: “Eu sou o pão da vida”. Pode ter acrescentado uma pausa, ou silêncio reflexivo. Isso realça a importância da idéia en-

quanto dá oportunidade para os ouvintes refletirem sobre ela. Jesus também pode ter usado uma variação de força, ou volume, para enfraquecer a idéia, como fez em outra ocasião (João 7:37).

Uso de repetição

Jesus não apenas arquitetou uma simples e memorável declaração para apresentar uma idéia principal, mas também usou a repetição para acrescentar ênfase. No sermão sobre o pão

da vida, Ele repetiu Sua idéia textualmente pelo menos uma vez (João 6:35 e 38). Também a expôs através de paráfrases durante o próprio sermão: “Eu sou o pão que desceu do Céu” (João 6:41), e “Eu sou o pão vivo” (v. 51).

Se a reafirmação e a repetição de um pensamento eram importantes para Jesus, no sentido de fazer compreendida a idéia principal do Seu sermão, isso é mais importante hoje, quando ouvir atentamente está se tornando cada vez mais difícil. Devemos ter certeza de que a declaração simples e memorável de um sermão foi ouvida claramente, e foi absorvida.

Ilustrações práticas

Jesus era um mestre na ilustração de verdades espirituais. Ele freqüentemente usava ilustrações práticas da vida diária para transmitir verdades espirituais. Numa ocasião, quando falava a Seus discípulos, chamou uma criança e a colocou no meio deles. Que maneira brilhante de chamar a atenção! Ali estava uma ilustração viva da verdade que o Mestre queria transmitir. Então disse aos discípulos: “Se não... vos tornardes como crianças, de modo algum entrareis no reino dos Céus” (Mat. 18:3).

Jesus desenvolveu uma reputação como pregador que tirava ilustrações práticas da vida diária. Mateus lembra que “todas estas coisas disse Jesus às multidões por parábolas e sem parábolas nada lhes dizia” (Mat. 13:34). Ele falou sobre lançar redes, semear, ovelha perdida, entre outras coisas. Compreendia que as melhores ilustrações são encontradas no mundo onde o orador e os ouvintes estão inseridos. Quando Jesus falou sobre produzir e colher, Seus ouvintes agricultores não precisavam decodificar a mensagem. Eles estavam bem informados com os problemas de incômodo causados por pássaros, rochas, cardos, e raízes superficiais. Se Jesus estivesse dando aulas ou pregando no século 21, certamente encorajaria Seus ouvintes a usar ilustrações práticas de instrumentos da informática.

Podemos usar ilustrações práticas da vida diária, para reforçar e iluminar a idéia principal do sermão. Qualquer outra história, por melhor que seja, é simplesmente barulho irrelevante que pode causar mais prejuízo do que lucro. Não fomos chamados a entreter o povo


com histórias apenas interessantes. Fomos chamados a proclamar uma Palavra que transforma vidas. Um pregador sábio aprende do exemplo de Jesus e usa ilustrações práticas, relevantes da vida diária, para ajudar a cumprir essa tarefa sagrada.

Mudança de vida

Jesus falava “como quem tem autoridade” (Mat. 7:29). Pregava no poder do Espírito Santo, partilhando a Palavra de Deus, em lugar de Suas próprias opiniões, mas também chamava a uma mudança radical de vida. Na conclusão de Seu histórico sermão da montanha, Cristo desafiou Seus ouvintes a aplicar em suas próprias vidas as verdades que tinham ouvido. Era um chamado à ação, um chamado à transformação. Disse Ele: “Todo aquele, pois, que ouve estas Minhas palavras e as pratica será comparado a um homem prudente que edificou a sua casa sobre a rocha” (Mat. 7:24).

Em contrapartida, “todo aquele que ouve estas Minhas palavras e não as pratica será comparado a um homem insensato que edificou a sua casa sobre a areia” (Mat. 7:26). Os pregadores são comissionados não simplesmente a transmitir informações, mas para chamar à obediência e transformação.

Embora seja verdade que a transformação seja obra de Deus e não nossa, somos chamados para unir-nos a Ele nessa tarefa. Quando a palavra de Deus é fielmente proclamada, um apelo à mudança de vida não é apenas um privilégio mas uma responsabilidade. Pedro não fez apologia quando apelou à conversão, no final de sua mensagem. Chamou o povo ao arrependimento, ao batismo e à salvação (Atos 2:38-40).

Parece que hoje alguns pregadores temem apelar à mudança de vida. Temem parecer arrogantes ou autoritários. Mas a verdade, em sua própria natureza, é autoritária; exclui inevitavelmente tudo o que está errado. Um ouvinte da verdadeira Palavra de Deus precisa dar uma resposta. Não há lugar para manipulação, coerção ou jogo emocional. Entretanto, aprendemos do exemplo de Jesus que, quando a verdade é proclamada, é apropriado apelar para uma mudança de vida. Esse apelo deve ser simples, direto e claro. O resultado será maravilhoso para nós, pregadores, e para os ouvintes. 

Os pregadores são comissionados não simplesmente a transmitir informações, mas para chamar à obediência e transformação.

Novo pentecostes no Peru



Pastores e administradores da Missão Peruana do Norte

de departamentos, pastores distritais e servidores do escritório da Missão Peruana do Sul foi decisivo para o êxito do empreendimento. A participação dos teologandos da Universidade Peruana União também foi muito significativa.

Durante esse período, os 450 pequenos grupos atendiam pessoas interessadas, duas vezes por semana, enquanto obreiros bíblicos faziam o trabalho de

casa em casa. De acordo com o Pastor Samuel Sandoval Ruiz, secretário ministerial da União Peruana, “o trabalho

foi realizado com intensidade e dedicação tais que uma semana antes de se iniciar a campanha de colheita, 678 pessoas já estavam decididas pelo batismo”. Iniciada a colheita, foram estabelecidos 100 pontos de pregação, liderados por pastores e obreiros voluntários.

A experiência foi marcante, a julgar pelo depoimento de Elizabeth Arteaga, recepcionista do escritório da União Peruana: “Além dos resultados do meu centro de pregação, a experiência pessoal que vivi em Arequipa foi um tônico renovador para minha vida espiritual. Fez-me retomar a visão da minha missão na Terra”, ela disse.

A festa de encerramento da campanha foi realizada no Coliseu Arequipa, com a presença de 6.500 pessoas. Na ocasião, os novos convertidos receberam

Um agressivo programa de colheita evangelística foi levado a efeito nos dias 14 a 20 de outubro, na cidade de Arequipa, Peru, sob o lema “Arequipa, a esperança é Jesus”. A investida teve como objetivo principal mobilizar o máximo da capacidade missionária da igreja para colher os frutos da sementeira efetuada durante os seis meses anteriores. O resultado correspondeu às expectativas, já que 1.399 pessoas foram batizadas no último dia da campanha.

Preparação e proclamação

Nos seis meses que antecederam a campanha de colheita, dez distritos pastorais, 4.900 missionários organizados em 450 pequenos grupos realizaram a tarefa de proclamação do evangelho e instrução de seis mil pessoas. O envolvimento dos administradores, secretários



Pastor Jonas Arrais: evangelismo em Trujillo



Pastor Samuel Sandoval Ruiz, secretário ministerial da União Peruana

as boas-vindas da Igreja, e os membros batizados foram motivados a continuar o trabalho com as pessoas que ainda estão se preparando para futuros batismos.

“Esta campanha foi uma das melhores, nos últimos dois anos, aqui no Peru. Foi muito bem organizada. O número de interessados em continuar a caminhada cristã, e posteriormente entregar a vida a Deus, é muito grande”, afirma o Pastor Melchor Ferreira, presidente da União.

Trujillo

Também na cidade de Trujillo a mobilização evangelística foi intensa. Ali, a programação de colheita foi realizada entre os dias 4 a 10 de novembro, batizada de “Projeto André”. Com base na experiência daquele seguidor de Cristo, a liderança da Igreja peruana motivou e inspirou os membros a que testemunhassem entre familiares, amigos e vizinhos, através de pequenos grupos.

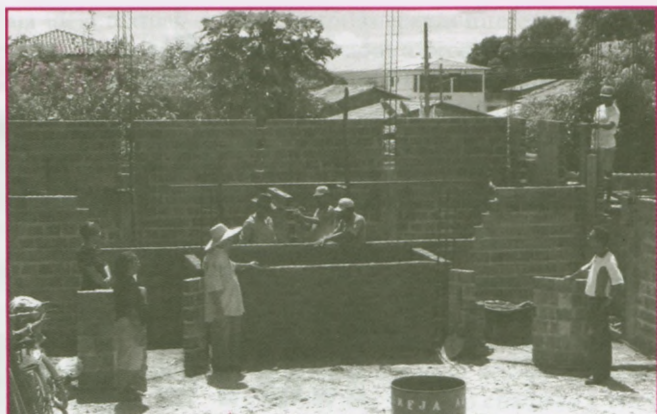
A fase de colheita foi desenvolvida em 120 centros de pregação dirigidos por 30 pastores e 90 líderes voluntários. O programa teve a participação de três pastores mexicanos, do pastor Jonas Arrais, secretário ministerial associado da Divisão Sul-Americana, além dos pastores da região. No final, aproximadamente dois mil novos membros foram acrescentados à Igreja através do batismo.

Impacto 2001 fortalece adventismo no Piauí

No ano passado, Teresina, Pi, e região foram o centro do trabalho evangelístico denominado “Impacto 2001”, patrocinado pela União Nordeste-Brasileira, Uneb. A iniciativa faz parte do projeto de Missão Glo-



Seminaristas do Iaene que ajudaram a evangelizar o Piauí



Dez templos foram construídos em Teresina

bal do Campo, que pretende ampliar a presença adventista nas cidades de seu território. Dos 1.709 municípios localizados da União, apenas 841 possuem representação da Igreja. A média é de um adventista para 220 habitantes na região.

Na Missão Costa-Norte os adventistas estão presentes em 131 cidades, faltando 284 por alcançar. Em seu território está o Piauí. De suas 222 cidades, somente 38 têm alguma representação adventista.

Novo quadro

Porém, a realização do projeto “Impacto 2001” e o grande número de novos membros é o primeiro passo dado para reverter o quadro. Esse esforço missionário que culminou nos dias 22 a 27 de outubro, com a participação da equipe da Voz da profecia, começou bem antes.

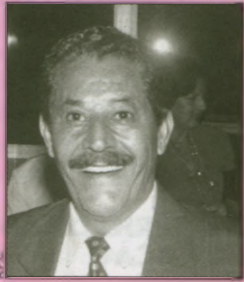
Ainda em 2000, foram oferecidos cursos de capacitação e treinamento e foram organizados pequenos grupos. Em 2001, o trabalho englobou evangelismo público e pessoal aliados aos serviços sociais prestados à comunidade, como cursos gratuitos de teclado e violão, além de atendimento médico-odontológico prestado em uma clínica móvel da Adra. No mês de julho, 60 colportores-estudantes foram à região, onde visitaram mais de 20 mil casas, deixando milhares de livros, revistas e folhetos.

Participação do Iaene

E a ênfase evangelística mais forte começou a ser dada a partir do dia 24 de agosto, com a presença do Pastor Emílio Abdala, professor de Teologia no Instituto Adventista de Ensino do Nordeste, Iaene, junto com 50 teologandos que cursavam o terceiro ano. Sob a orientação do professor, pastores distritais da região e seminaristas mantiveram séries de evangelismo em 40 pontos de pregação na cidade.

Até o final de outubro, aproximadamente 2.200 pessoas haviam sido batizadas em Teresina. Na vizinha cidade de Timom, já no Maranhão, mais 430 novos crentes foram acrescentados à igreja. Os números significam quase a duplicação do número de membros na região.

Morre o presidente da Aceam



Aos 63 anos, faleceu o Pastor Antônio Moisés de Almeida, presidente da Associação Central-Amazonas, Aceam, vítima de acidente automobilístico em Rio Pombo, MG, no dia 7 de novembro de 2001. Ele se encontrava na região Sudeste empenhado na captação de recursos para sustentar o projeto das lanchas missionárias no Amazonas.

Tendo concluído o curso teológico no IAE, em 1964, o Pastor Antônio Moisés iniciou suas atividades pastorais, em 1965. Serviu como professor e diretor do Instituto Petropolitano Adventista de Ensino, Ipa, diretor de Educação na União Este-Brasileira, e diretor do antigo Educandário Nordestino Adventista.

Durante os anos 1986 a 1989, cursou mestrado na Universidade Andrews, Estados Unidos, e, ao retornar, trabalhou como diretor de Educação e secretário da União Norte-Brasileira, até janeiro de 1996 quando foi nomeado presidente da Aceam.

O Pastor Antônio Moisés de Almeida deixa um positivo exemplo de dedicação à Causa de Deus, coerência cristã, credibilidade pastoral e administrativa. Sua esposa, Professora Olinda, as filhas Silsa, Silma e Selnise, demais familiares, colegas de ministério e amigos aguardam, momentaneamente saudosos, o feliz reencontro na manhã da ressurreição.

Para pensar

Uns nascem irmãos; outros não.

Uns têm o mesmo sobrenome, moram na mesma casa; outros não.

Uns têm um documento legal; outros foram separados, adotados, machucados.

Uns se odeiam, brigam, não se falam, "ficam de mal"; outros se amam, se ajudam, fazem a mesma oração, trabalham pela paz, louvam o mesmo Pai.

Uns têm irmão de criação, meio-irmão, irmão do coração; outros têm uma grande família.

Uns, por não poderem escolher seus irmãos, acabam sendo filhos únicos; outros precisam de companheirismo, afeto, cuidados.

Uns têm vida efêmera; outros são filhos do Rei.

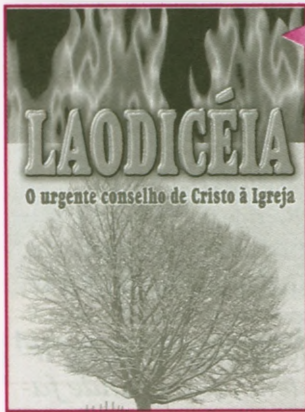
Uns não sabem valorizar o tesouro que receberam; outros fazem da experiência de ter um irmão um ministério, onde os princípios eternos se sobrepõem ao sentimento e resistem ao tempo.

E então, acontece um fenômeno espiritual chamado AMOR DE IRMÃO.

E descobrimos que, nesta jornada, todos, sem distinção, somos irmãos de verdade. – Davi Gangi, designer

HUMOR





LAODICÉIA: O URGENTE CONSELHO DE CRISTO À IGREJA – Jack Sequeira, Casa Publicadora Brasileira, Caixa Postal 34, CEP 18270-970, Taubaté, SP; tel. (15) 250-8888, 0800-990606; 198 páginas.

Imagine uma igreja composta de cegos esfarrapados que sinceramente acreditam estar bem vestidos, ser ricos e enxergar perfeitamente. Haverá esperança para um corpo de crentes tão presunçosos? Sim. A cura garantida para o engano fatal de Laodicéia é uma clara compreensão da grande verdade da justificação pela fé. Raramente essa grande verdade é apresentada de modo tão poderoso como neste livro, pelo respeitado pastor, conferencista e escritor Jack Sequeira.



SEXUALIDADE: PERGUNTAS & RESPOSTAS – Antônio e Olga Estrada, Imprensa Universitária Adventista, Caixa Postal 11, CEP 13165-970 Engenheiro Coelho, SP; tel. (19) 3858-9055; e-mail imprensa@unasp.br; 127 páginas.

Muito se tem escrito a respeito de sexualidade. No entanto, quando se trata de sexualidade de infantil, há pouco ma-

terial disponível aos pais e educadores para cumprir sua tarefa na educação sexual das crianças. Os autores consideram inevitável que crianças façam perguntas sobre a sexualidade, mas é provável que muitos pais não estejam preparados para dar respostas adequadas. Este livro é uma ferramenta eficaz para capacitar os pais e educadores a responder claramente às perguntas feitas pelas crianças sobre o tema. O livro também está adaptado em CD-Rom, para facilitar a realização de seminários.



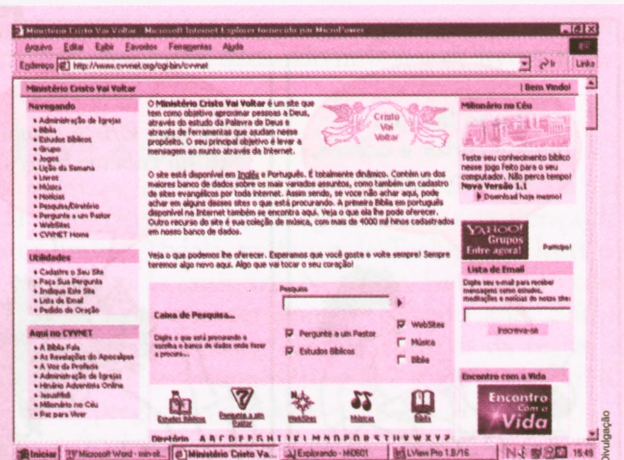
O MINISTÉRIO DE ADMINISTRAÇÃO – Stephen D. Douglas, Bruce E. Cook e Howard G. Hendricks, Associação Religiosa Editora e Distribuidora Candea; Rua Domingos Galletieri Botta, 140, Jd. Santa Cruz, 04455-360 São Paulo, SP; tel. 0800 15 18 09; 225 páginas.

O material deste livro tem sido usado para treinar líderes cristãos, a fim de que se tornem melhores despendeiros do seu tempo e esforço, bem como do tempo e esforço das pessoas a quem dirigem. Seu conteúdo foi desenvolvido de acordo com o estudo das Escrituras, análise de materiais disponíveis na área de administração e através da experiência obtida mediante a aplicação dos conceitos por organizações cristãs. O curso tem os seguintes objetivos: 1) apresentar a base bíblica para a administração; 2) ensinar como fazer, em lugar de simplesmente teorizar; e 3) aplicar tópicos ensinados às situações particulares.

VEJA NA INTERNET – www.civnet.org

Ministério Cristo Vai Voltar. Esse foi um dos primeiros bons sites evangélicos em português. Hoje está tão extenso e completo que possui um diretório (em ordem alfabética) do conteúdo, dividido em cinco áreas principais: Estudos Bíblicos, Pergunte a um Pastor, Links para outros sites, Músicas e Bíblias. Aliás, este foi o primeiro site a disponibilizar a Bíblia em português e atualmente possui links para Bíblias nas mais variadas línguas. Uma Caixa de pesquisa facilita a busca de determinado tema em uma ou mais dessas cinco áreas. A coleção de Estudos Bíblicos (considerada a maior da internet) trata dos mais diversos temas, trazendo frequentemente mais de um estudo por tema. Além disso é possível cursos on line, como “As Revelações do Apocalipse”. Na área de Música, são mais de quatro mil hinos em midi.

Aí está um acervo variado, amplo e útil, tanto para pastores como para leigos. – Márcio Dias Guarda, editor de Mídia Digital da Casa Publicadora Brasileira.





Divulgação

Amor e missão

ALEJANDRO BULLÓN

Secretário ministerial da
Divisão Sul-Americana da IASD

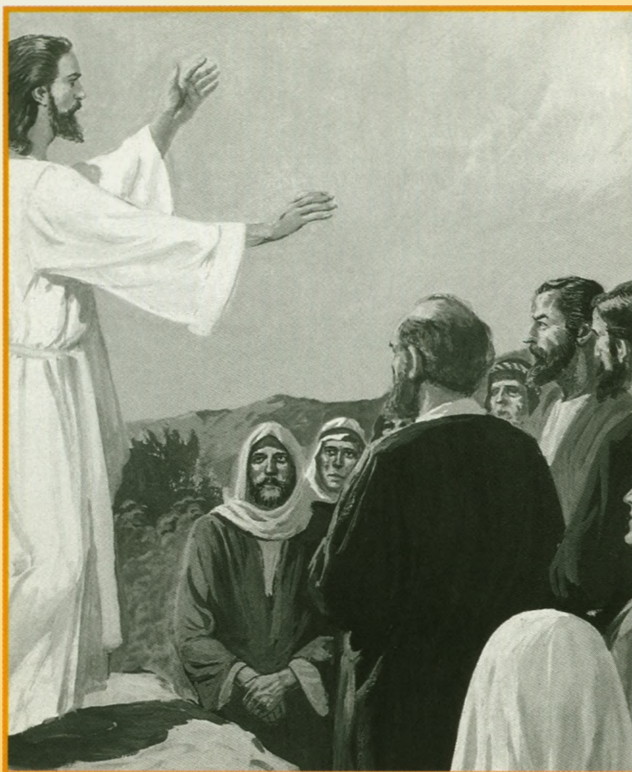
Aquele encontro de Jesus com Seus discípulos, relatado por João no capítulo 21 do seu evangelho tem lições extraordinárias para todos os pastores. Quem alguma vez não se sentiu triste por ter falhado com Jesus? Quem já não experimentou o peso da culpa devido a um tropeço? Quem não sentiu em algum momento o martelo da consciência golpeando: “você frustrou as expectativas do Mestre”?

Aquele encontro na praia foi um dos últimos concílios de Jesus com o grupo de pastores que Ele enviaria ao mundo. Não foi um concílio de muita teoria, mas uma reunião onde foram tratados assuntos práticos da vida. Na ocasião, Jesus mostrou o segredo de um ministério feliz e produtivo.

Admiro o modo simples como Jesus ensinava verdades profundas. Por mais que eu estude os evangelhos, não consigo vê-Lo perdido numa selva de argumentações ou filosofias. Para Ele, a vida era simples; o evangelho era sem complicações; e a missão, direta e sem rodeios. Naquela manhã, o Mestre chamou à parte aquele que, entre os onze restantes, talvez fosse o que pior estava se sentindo e lhe perguntou por três vezes: “Pedro, amas-Me?” O intrépido Pedro não esperava aquela pergunta. Ele estava aguardando a mais dura repreensão. E, de fato, a merecia. Sabia o que tinha feito. O canto do galo na triste noite da prisão de Cristo o havia confrontado com a fragilidade de suas promessas humanas. A força, o destemor e a coragem que sempre marcaram o ritmo de seu ministério, de re-

penite, viraram pó. Depois, durante dias, ele tentara inutilmente apagar as lembranças de sua traição.

Agora, estava ali diante do Mestre, olhando para o chão, envergonhado, humilhado e triste. Podia esperar qualquer coisa menos aquela pergunta cheia de amor: “Pedro, você Me ama?” Não era isso o que ele esperava. Que Jesus lhe desse uma nova oportunidade para dizer quanto O amava, apesar de sua derrota e traição, era algo bom de-



A. Reis

mais para ser verdade. Mas a pergunta se repetiu uma segunda e terceira vez. Foi então que o discípulo entendeu o que Jesus estava querendo lhe dizer. O verdadeiro serviço e a genuína produtividade somente podem ser construídos em cima do amor.


“A pergunta dirigida a Pedro por Cristo era significativa. Ele mencionou apenas uma condição de discipulado e

de serviço. ‘Amas-Me?’ disse Ele. É esta a qualificação essencial. Ainda que Pedro possuísse todas as outras, sem o amor de Cristo, não podia ser um fiel pastor do rebanho do Senhor. Conhecimento, liberalidade, eloquência, gratidão e zelo são todos auxiliares na boa obra; mas sem o amor de Jesus no coração, a obra do ministro cristão é um fracasso”, diz Ellen White em *O Desajado de Todas as Nações*, página 815.

“Apascenta os Meus cordeiros’;

‘pastoreia os Meus cordeiros’; ‘apascenta as Minhas ovelhas’. Essas eram ordens de marcha e de serviço. Existe uma tarefa. Há uma missão e ela precisa ser realizada. Mas, antes da ordem, vem a pergunta: ‘Amas-Me?’ É trágico o ministério daquele que se atreve a servir sem experimentar o amor de Cristo. Porém, igualmente trágico é o ministério daquele que vive deleitando-se no amor e se esquece da missão. “A primeira obra que Cristo confiara a Pedro, ao restaurá-lo ao ministério, foi apascentar os cordeiros. Era essa uma tarefa em que Pedro pouca experiência tinha... Mas esta foi a obra a que Cristo então o chamou. Para isso o preparara sua própria experiência de sofrimento e arrependimento.”

Um mês depois desse encontro com o Mestre, Pedro, o discípulo perdoado, transformado e com uma correta visão de seu serviço, foi capaz de batizar três mil pessoas. Os números não eram a razão do seu ministério; eles eram parte integrante de sua vida de serviço, motivada no amor do Mestre.

Que maneira extraordinária de encarar o trabalho pastoral. Por que será que, às vezes, nos parece difícil entender um assunto tão simples? 

Ponha mais EP* nos seus sermões



Com o novo CD-ROM
"Obras de Ellen G. White" – versão 2.0
você pode encontrar rapidamente todos
os comentários ou instruções do
Espírito de Profecia. E, com o recurso
de *Copiar e Colar*, você copia qualquer
texto para seu esboço, sem ter que
redigitar. Agora, os sermões podem
conter citações mais exatas e
adequadas. Afinal, para que nos
foi dada essa luz adicional?

*EP – Espírito de Profecia, o dom especial de Deus ao Seu povo dos últimos dias.

**CD-ROM "Obras de Ellen G. White" versão 2.0 –
mais de 27 mil páginas de mensagens inspiradas. Todos os 66 livros de Ellen
White que a CASA publicou em 100 anos, agora reunidos num CD-ROM.**

Adquira já o seu!

Para fazer seu pedido,
ligue grátis 0800-990606 ou entre em
contato com o SELS de seu Campo.



MÍDIA DIGITAL
mais um meio de
comunicação para
a Mensagem.



CASA PUBLICADORA BRASILEIRA

Caixa Postal 34 - Tatuí, SP - CEP 18270-970 - Tel.: (15) 250-8800 - Site: www.cpb.com.br